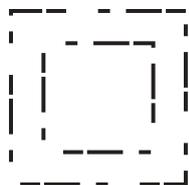




fundamentos da língua brasileira de sinais – LIBRAS



purandu

purandu é uma série da editora **UEA** dedicado à publicação de obras de caráter didático. O mesmo que “perguntar” em Nheengatu, língua geral amazônica, a palavra *purandu* invoca um aspecto indispensável para o processo de aprendizagem: a busca pelo saber.

Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais – Libras

**Marcos Roberto dos Santos
Suammy Priscila Rodrigues Leite Cordeiro
Jackson da Silva Vale**

Universidade do Estado do Amazonas
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Letras Mediado por Tecnologia



os autores

Marcos Roberto dos Santos

Possui mestrado em Letras e Artes (PPGLA/UEA), especialista em Docência no Ensino Superior e em Tradução e Interpretação de Libras e graduação em Secretariado Executivo. Certificado pelo Exame Nacional de Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras (PROLIBRAS) e no Exame Nacional de Proficiência no Uso e no Ensino de Libras para Nível Superior (PROLIBRAS). Atualmente é professor da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Língua de Sinais na Amazônia (GEPELISA).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3984604069397961>



Suammy Priscila Rodrigues

Docente de Libras do Instituto Federal do Mato Grosso - IFMT, graduada em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco - UPE e especialista em três áreas que se integram: Docência no Ensino Superior / Psicopedagogia Clínica / Libras e Educação Especial, mestre em Linguística pela Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT. Certificado pelo Exame Nacional de Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras (PROLIBRAS) e no Exame Nacional de Proficiência no Uso e no Ensino de Libras para Nível Superior (PROLIBRAS).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9114383823113511>



Jackson da Silva Vale

Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade Martha Falcão e em Letras – Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e especialista em Educação Especial e Inclusiva. Atualmente é professor da Universidade do Estado do Amazonas.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5693091053012125>



ementa da disciplina

componente curricular:

Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais

sigla: Libras

ano/semestre: 2018/1

carga horária total: 90 H

professor (a): Marcos Roberto dos Santos, Suammy Priscila Rodrigues Leite Cordeiro e Jackson da Silva Vale

ementa:

Compreensão das abordagens metodológicas utilizadas na educação de surdos em uma perspectiva abrangente de caráter histórico e conceitual. Exploração da cultura, identidade surda e estratégias de ensino de LIBRAS como primeira língua. Conhecimento dos aspectos legais da LIBRAS e educação de surdos, bem como dos instrumentos de acessibilidade linguística, tais como o papel ético e profissional dos tradutores e intérpretes de LIBRAS. Introdução aos aspectos linguísticos da LIBRAS: constituintes fonológicos, morfológicos e sintáticos. Prática de vocabulário em contextos diversos.

objetivo geral:

Compreender a cultura surda, bem como o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais enquanto língua de natureza visual-espacial constituída de um completo sistema linguístico que embasará a prática docente dos futuros profissionais com a finalidade de efetivar a Inclusão Social dos surdos.

bibliografia básica:

CAPOVILLA, F. C., MAURICIO, A. C., & RAPHAEL, W. D. *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras)* baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas – por um novo paradigma na dicionarização das línguas de sinais. São Paulo, Edusp. (ISBN: 85-314-1178-6).

FERREIRA, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

bibliografia complementar:

FERNANDES, E. *Linguagem e Surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GESSER, A. LIBRAS: *Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LODI, A. C.; MÉLO, A. D. B. de; FERNANDES, E. *Letramento, bilinguismo e educação de surdos*. 2. ed. – Porto Alegre: Mediação, 2015.

SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos: processos e projetos pedagógicos*. Vol.1. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.

sumário

apresentação 6

unidade 1

conhecendo o universo surdo 7

unidade 2

aspectos linguísticos da LIBRAS 30

unidade 3

vocabulário 72

referências 94

apresentação

Prezados acadêmicos,

A disciplina “Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS” tem como objetivo trazer ao conhecimento dos senhores discussões sobre essa língua e todos os aspectos subjetivos que a constitui, como por exemplo os artefatos culturais, identitários e abordagens educacionais para alunos surdos. Além disso, é realizado um estudo que traz à luz o sistema linguístico dessa língua visuo-espacial que constitui a sua cientificidade.

Esperamos que essa experiência possa provocar reflexões para a quebra de estigmas sobre os sujeitos surdos e sua língua, contribuir para o desenvolvimento do processo de construção de ensino e aprendizagem da LIBRAS e, principalmente, colaborar para a prática profissional dos futuros professores egressos do Curso de Letras Mediado por Tecnologia da Universidade do Estado do Amazonas.

Os autores

unidade 1

conhecendo o universo surdo

-
- [1.1] terminologias: surdo, surdo-mudo e deficiente auditivo **8**
 - [1.2] concepções de surdez **9** ● [1.3] cultura surda **10**
 - [1.4] identidade surda **13** ● [1.5] abordagens educacionais **17**
 - [1.6] o tradutor e intérprete de língua de sinais (TILS) **21**
 - [1.7] legislações (TILS) **26**
-



Antes de iniciarmos os estudos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), nesta unidade vamos abordar os conteúdos teóricos relacionados aos aspectos culturais e educacionais dos surdos, a fim de que possamos compreender o sujeito surdo dotado de subjetividades que compõem a identidade surda.

Vamos começar pelas terminologias. Sasaki (2002) afirma que “os termos são considerados corretos em função de certos valores e conceitos vigentes em cada sociedade e em cada época”, o exemplo disso é a terminologia usada para as pessoas com deficiência. Desde a Constituição Federal de 1988 que as pessoas se reportam a esse grupo como “Portadores de Deficiência”, anos depois, passou a serem chamados “Portadores de Necessidades Especiais”, como registrado na primeira versão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, e, em 2013 o termo mudou para “educandos com deficiência”, já que se trata de um documento educacional. A partir da Lei Brasileira de Inclusão (Nº 13.146/15), o termo utilizado é “Pessoa com Deficiência”.

[1.1] terminologias: surdo, surdo-mudo e deficiente auditivo

Quanto aos surdos, há três termos comumente utilizados erroneamente como sinônimos. O primeiro deles é a expressão “surdo-mudo”. Essa expressão indica duas especificidades distintas; a surdez – disfunção/limitação no aparelho auditivo e a mudez – disfunção/limitação no aparelho fonoarticulatório, sendo assim, esse termo atribuí ao surdo uma característica adicional, que ele não tem, como se a surdez estivesse indubitavelmente atrelada a uma disfunção no aparelho fonoarticulatório, o que é uma inverdade.

Estudiosos comprovaram que o aparelho fonoarticulatório dos surdos funciona do mesmo jeito que o dos ouvintes, com raras exceções, e que, seria errado atribuir essa nomenclatura a esse grupo, e os surdos oralizados comprovam esse fato.

As outras duas terminologias indicam que podemos considerar o sujeito surdo partindo de duas definições distintas, uma clínica (deficiente auditivo) e a outra sócioantropológica (surdos). Em termos legais, “considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma (...)” e “considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS” (Decreto 5.626/05 – Capítulo I).



Precisamos ter muito cuidado, pois através da linguagem nos expressamos e podemos carregar em nossas palavras preconceito ou discriminação. O termo que mais ouvimos em relação aos surdos é o termo da charge acima "surdo-mudo" (e algumas variações: mudinho, surdinho, mudo, etc.).

Pesquise nas redes sociais quantos surdos há hoje no Brasil pelos dados do censo e quais as maiores razões de surdez.

[1.2] concepções de surdez

As pesquisas indicam que os termos representam duas visões diferentes do sujeito. A mais utilizada delas, tanto no âmbito terapêutico e de saúde, quanto (ainda) no meio educacional, é a visão patológica e reabilitadora, representada pelo termo Deficiente Auditivo (DA), que denota a necessidade de normalização, de ajuste do sujeito para o tornar o mais 'normal' possível.

Os que defendem essa abordagem acreditam que o surdo não deve ter contato com a língua de sinais, já que esse contato com essa língua, na concepção deles, trará prejuízo no seu aprendizado da língua portuguesa, e é daí que surge o uso impreterível da oralização em detrimento da língua de sinais, defendido, inclusive, no Congresso de Milão em setembro 1800, quando foi proibido o uso das línguas de sinais pelas comunidades surdas em todo o mundo.

Já a abordagem socioantropológica "compreende a surdez como uma possibilidade diferente de viver, através de experiências visuais, construindo sua identidade assentada principalmente nesta diferença, levando este sujeito a se utilizar de estratégias cognitivas e de manifestações comportamentais e culturais visuais distintas das pessoas ouvintes" (Cordeiro, 2014, p. 37).

Na visão socioantropológica o surdo é reconhecido pelo que ele é, e pela sua subjetividade enquanto sujeito único pertencente a um grupo social que tem características próprias culturais e identitárias, que devem ser respeitadas e (re) conhecidas por toda sociedade, evitando assim os estereótipos, preconceitos e discriminações.

Quando compreendemos essas duas concepções sobre a surdez, entendemos a diferença entre os dois termos e podemos identificar as possibilidades naturais dos surdos em aprender e em se desenvolver social e educacionalmente, deixando de ser a surdez um impedimento para interação.

questões para reflexão

Descreva rapidamente as duas concepções de surdez estudadas:

Visão clínica:



Visão socioantropológica:



[1.3] cultura surda

O conceito de cultura é muito complexo e por isso amplamente discutido pelos estudiosos da área. Em meio a tantos conceitos, vamos ficar, portanto, com o primeiro conceito trazido pelo Dicionário de Conceitos Históricos (Silva, 2009, p. 85), que afirma que:

(...) cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica.

Sendo assim, não há pessoa que não tenha cultura, como também não deveria haver hierarquização de cultura, mas um multiculturalismo. Entretanto, Skliar (1998, p.01) adverte que, em relação ao ouvinte e ao surdo, há uma supremacia daquele sobre este, ou seja, a cultura ouvinte se sobrepõe a cultura surda e por isso tem um valor maior, conseqüentemente desvalorizando os aspectos culturais da surdez, que “se diferencia da cultura dos ouvintes por meio de valores, estilos, atitudes e práticas diferentes”.

Os surdos têm cultura diferenciada da dos ouvintes, já que possuem uma percepção diferenciada do mundo, sem o sentido da audição e a principal característica dessa diferença é o uso de uma outra língua, no caso do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais. Tavares (2006, p. 37) explica que língua e cultura são indissociáveis, ou seja, “uma não existe sem a outra.”

A cultura surda é compartilhada por um grupo, que denominamos “comunidade surda” e dela fazem parte surdos e ouvintes, todos os que partilham de metas comuns como bem define Strobel (2008, p. 30 - 31):

[...] uma cultura é um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições; uma comunidade é um sistema social geral, no qual um grupo de pessoas vivem juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras.

Para muitos ouvintes ser surdo é apenas não ouvir, pois não compreendem a dimensão das experiências visuais de um sujeito que não ouve. Mas não é só isso! Para Sá (2006, p. 65) a surdez é um traço cultural, e a língua de sinais “um elemento significativo para essa definição” e, portanto, o surdo “constrói sua identidade calcada principalmente nesta diferença, utilizando-se de estratégias cognitivas e de manifestações comportamentais culturais diferentes das pessoas que ouvem” (p. 67).

No livro “Como é ser surdo”¹, a autora Vera Strnadová, nos dá uma visão ampliada sobre a vivência do surdo na sociedade, pois revela que o “único motivo para escrever este pequeno livro foi o desejo de ajudar as pessoas ouvintes a imaginar a vida e os sentimentos de uma pessoa que vive num mundo sem os sons” (Strnadová, 2000, p. 12). Leia um trecho do livro abaixo para realizar a atividade reflexiva (p. 40-43).

A diferença entre a deficiência e a inferioridade

De vez em quando, encontro algumas atitudes extremas em relação à minha surdez. Algumas pessoas têm pena de mim. Mas existem situações nas quais me consolam com frases deste tipo: “Dê graças a Deus que não pode ouvir! Se tivesse que escutar tudo ao seu redor, ficaria maluco!”. Ou: “Que bom que você não ouve!” Às vezes, é o colega de trabalho que reclama do barulho chato produzido pelas lâmpadas fluorescentes (até então, eu nem desconfiava que as lâmpadas fluorescentes, além de iluminar poderiam fazer algum barulho). Outras vezes, a colega tapa os ouvidos com mãos porque de fora está vindo um barulho de uma britadeira. Minha mãe se queixa que, à noite, não pode dormir por causa do barulho do apartamento ao lado, enquanto que eu durmo como um bebê recém-nascido. Será que devo ficar contente porque sou surda?

Para dizer a verdade, não acho bom, nem um pouco, ser surda. Essa postura lembra a fábula da raposa e das uvas verdes. Acredito que eu não enlouqueceria por causa dos sons ao meu redor. Teria força psíquica suficiente para suportá-los, como a maioria

¹ Sugestão de leitura para ampliação do entendimento de como se processa a vivência do surdo.



de vocês, ouvintes, e sem nenhum prejuízo à minha saúde mental. Também sei que é uma audição ajudaria a livrar-me de muitos enganos e de situações curiosas, que me acontecem em razão do limitado número de informações.

Há muitos tempo, um ex-chefe me disse: “Daria qualquer coisa para que pudesse ficar sem ouvir por algum tempo! Adoro ficar no mato. É Uma tranquilidade um silêncio maravilhoso...”.

Mas a gente não vive no mato, sozinho, sem contato com outras pessoas, com a civilização e a cultura humanas. As pessoas desde os tempos imemoriais, estão acostumadas a viver em comunidade e necessitam comunicar-se de alguma forma. É muito difícil não ouvir e viver entre as pessoas que, entre si, falam. Temos a impressão de que se vive atrás de um vidro; pode-se ver tudo que os outros fazem, mas não se sabe o porquê e nem sobre o que falam entre si. Muitas vezes, um surdo adulto não sabe o que até uma criança ouvinte sabe. É uma vida ao lado dos ouvintes, mas não com eles.

Além disso, quando uma pessoa ouvinte quer descansar das pessoas e vai passear no mato, não encontra um silêncio absoluto. Ouve muitos sons sobre os quais podem ter consciência ou não: o ruído das folhas das árvores, o canto dos pássaros, o borbulhar de um riacho e o ruído dos galhos se quebrando ao serem pisoteadas. E, se a pessoa ouvinte neste bosque “maravilhosamente silencioso”, tapasse os ouvidos, deixaria de ter a percepção da realidade do que vê ao redor.

Até em casa, a pessoa ouvinte é tranquilizada pelos sonhos habituais. Durante o dia, ouvem-se os passos na escadaria, o ruído do elevador, da água nos canos, o trânsito do lado de fora. Li isso nos livros e foi confirmado pelo meu filho. A pessoa fica alerta quando houve um som esperado, como a campainha da porta, do telefone ou, ao contrário, algum som inusitado.

De vez em quando, sinto falta do controle do ambiente no qual me encontro, através da audição. Não para complementar a realidade dos acontecimentos, mas para minha orientação e sensação de segurança. Preciso sentir que posso perceber todos os acontecimentos e mudanças ao meu redor para que possa reagir a eles a tempo. Por exemplo, quando alguém entra no meu escritório (talvez tenha batido na porta e eu não tinha escutado), me cumprimenta e eu não respondo à saudação. Indelicadamente continuo examinando meus papéis, ignorando a presença dele. O espaço que está fora do meu campo visual, e assim fora do meu controle, pode representar para mim um perigo em potencial. Se estou andando em um corredor estreito, ao passar por uma porta atrás da qual não ouço os passos, posso receber uma pancada forte, caso alguém a abra. Quando preciso atravessar a rua numa curva que não permite uma boa visibilidade, e no centro da minha cidade há muitas, corro risco de vida. E assim fico olhando constantemente ao meu redor.

Se estou infeliz pelo fato de não poder ouvir sons? Fora as situações mencionadas acima (unicamente por razões práticas), não. Não penso na minha audição perdida até que surjam situações nas quais necessite, urgentemente, informações que podem ser obtidas apenas pela audição. Porém, nem assim fico me queixando “Que pena que não posso ouvir”, mas digo “Que pena eu estar impossibilitado de fazer isso e aquilo”.

Naqueles momentos fico incomodada pela impotência e pela dependência da boa vontade dos ouvintes. Acho muito desagradável suplicar pela sua bondade e aguentar seu comportamento benevolente. Quando consigo vencer meu orgulho

para pedir ajuda a alguém, fico incomodada ao ver que cumpre o meu pedido com má vontade ou até se nega. Nesses momentos fico infeliz. É nisso que está a diferença entre a “deficiência” e a “inferioridade”. O dano orgânico é um estado dado e imutável, mas não traz o incômodo algum por si só. O que incomoda são as consequências desta deficiência sob a forma de várias desvantagens. Essas desvantagens são diferentes em diversas situações. Algumas mínimas, outras importantes. É impossível remover a deficiência, mas a inferioridade sim. Paradoxalmente, existem situações nas quais as pessoas saudáveis estão em posição de inferioridade em relação aos portadores de deficiência.

questões para reflexão

Refleta sobre as seguintes questões tratadas no texto:

- O que a autora quer dizer quando pede para diferenciarmos “deficiência” de “inferioridade”?
- Pense nas situações do seu dia a dia, desde acordar até dormir, que mudariam a sua vida se você fosse surdo.

[1.4] identidade surda

Identidade, por sua vez, também é um conceito amplo e de variadas significações dependendo do autor e da época histórica em que é discutido. A identidade cultural é uma forma de identificação de uma nação, ainda que cada um tenha sua própria identidade (HALL, 1997). Perlin (1998, p. 52) afirma que há “Identidades plurais, múltiplas; que se transformam, que não são fixas, imóveis, estáticas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias”.

A pesquisadora surda considera que:

As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social”. (PERLIN, 2004, p. 77-78).

Diante dessa consideração, Perlin (1998) classifica as identidades surdas em sete grupos, a partir de observações das diferenças do modo de vida desses sujeitos. Abaixo identificamos cada grupo identitário e expomos as características apontadas pela autora (em *itálico*) sobre cada classificação:

1) **Identidade Surda** (pura) – Essa identidade é percebida nos sujeitos que se auto identificam puramente como surdos e assumem uma luta política por sua comunidade.

- Possuem a experiência visual que determina formas de comportamento, cultura, língua, etc.;
- Carregam consigo a Língua de Sinais. Usam sinais sempre, pois é sua forma de expressão. Eles têm um costume bastante presente que os diferencia dos ouvintes e que caracteriza a diferença Surda: a captação da mensagem é visual e não auditiva. O envio de mensagem não usa o aparelho fonador, usa as mãos;
- Aceitam-se como surdos, sabem que são surdos e assumem um comportamento de pessoas surdas. Entram facilmente na política com identidade surda, onde impera a diferença: necessidade de intérpretes, de educação diferenciada, de Língua de Sinais, etc.;
- Passa aos outros surdos sua cultura, sua forma de ser diferente;
- Assumem uma posição de resistência;
- Assumem uma posição que avançam em busca de delimitação da identidade cultural;
- Assimilam pouco, ou não conseguem assimilar a ordem da língua falada, têm dificuldade de entendê-la;
- Decodificam todas as mensagens recebidas em Língua de Sinais;
- A escrita obedece à estrutura da Língua de Sinais, pode igualar-se a língua escrita, com reservas;
- Têm suas comunidades, associações, e/ou órgãos representativos e compartilham entre si suas dificuldades, aparições, utopias;
- Usam tecnologia diferenciada: legenda e Sinais na TV, telefone especial, campanha luminosa;
- Têm uma diferente forma de relacionar-se com as pessoas e mesmo com animais;
- Esta identidade assume características bastante diferenciadas e é preciso lembrar aqui que, por exemplo: a identidade Surda genealógica traz sinais vividos e provados durante gerações.

2) **Identidades Surdas Híbridas** – É inerente ao grupo de sujeitos que não nasceram surdos, mas perderam sua audição por algum motivo depois de adquirir a língua oral e então, têm características ainda da cultura ouvinte, mas também demonstram traços da cultura surda.

- Dependendo da idade em que a surdez chegou, conhecem a estrutura do Português falado, decodificam a mensagem em Português e o envio ou a captação da mensagem vez ou outra e na forma da língua oral;
- Usam língua oral ou língua de sinais para captar a mensagem. Esta identidade também é bastante diferenciada, alguns não usam mais a língua oral e outros usam Sinais sempre;
- Assumem um comportamento de pessoas surdas. Ex.: política da identidade surda usa tecnologia para surdos...;
- Convivem pacificamente com as identidades surdas;

3) **Identidades Surdas Flutuantes** – São surdos que conservam a cultura ouvinte ainda dominante por não terem contato constante com a comunidade surda. Estes possuem características particulares:

- Seguem a representação da identidade ouvinte;
- Estão em dependência no mundo dos ouvintes, seguem os seus princípios e os respeita como ouvintes, competindo com os mesmos, induzidos no modelo da identidade ouvinte;
- Não participam da comunidade surda, associações e lutas políticas;
- Desconhecem ou rejeitam a presença do intérprete de língua de sinais;
- Orgulham-se de saber falar “corretamente”;
- Demonstram resistências à língua de sinais e a cultura surda visto que isto, para eles, representa estereótipo;
- Não conseguiram identificar-se como surdos, sentem-se sempre inferiores aos ouvintes: isto pode causar muitas vezes depressão, fuga, suicídios, acusação aos outros surdos, competição com ouvintes, há alguns que vivem na angústia no desejo contínuo de serem ouvintes;
- São as vítimas da ideologia oralista, da inclusão, da educação clínica, do preconceito e do preconceito da surdez;
- São surdos. Quer ouçam algum som, quer não ouçam persistem em usar aparelhos auriculares e não usam tecnologia dos surdos;
- Estas identidades surdas flutuantes também apresentam divisões; por exemplo: aqueles que têm contato com a comunidade surda, mas rejeitam-na, os que jamais tiveram contato, etc.

4) **Identidade Surda Embaçada** – Estes, apesar de serem surdos, vivem dominados pela cultura ouvinte e negam as representações surdas, não se envolvendo em nada que diz respeito à comunidade.

- Esta identidade não consegue captar a representação da identidade surda, nem da identidade ouvinte como fazem os flutuantes;
- Sua comunicação é por alguns sinais incompreensíveis às vezes;
- Não têm condições de dizer onde mora, seu nome, sua idade, etc...;
- Não têm condições de usar língua de sinais, não lhe foi ensinada, nem teve contato com a mesma;
- São pessoas vistas como incapacitadas;
- Neste ponto, ouvintes determinam seus comportamentos, vida e aprendizados;
- É uma situação de deficiência, de incapacidade, de inércia, de revolta;
- Existem casos aprisionamento de surdos na família, seja estereótipo ou pelo preconceito, fazendo com que alguns surdos se tornem embaçados.

5) **Identidades Surdas De Transição** – Esse grupo é formado por sujeitos surdos que ou viveram longe da comunidade surda por questões adversas ou se afastaram desse convívio e, portanto, podem reconhecer sua subjetividade.

- Vivem no momento transito entre uma identidade para outra;
- Se a aquisição da cultura surda não se da na infância, normalmente a maioria dos surdos precisa passar por este momento de transição, visto que grande parte deles filhos de pais ouvintes;
- No momento em que esses surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação muda e eles passam pela des-ouvintização, ou seja, rejeição da representação da identidade ouvinte;
- Embora passando por essa des-ouvintização, os surdos ficam sequelas da representação, o que fica evidenciado em sua identidade em construção;
- Há uma passagem da comunicação visual/oral para a comunicação visual/sinalizada;
- Para os surdos em transição para a representação ouvinte, ou seja, a identidade fluutuante se dá o contrário.

6) **Identidades Surdas Diáspora** – Essa definição remete à sujeitos surdos que se deslocaram de uma comunidade para outra, seja por mudança de país ou apenas de grupo étnico (mudança de Estado), ou seja, mudam de identificação grupal: surdo brasileiro, surdo nordestino, surdo urbano, etc. Esses diferem do grupo onde chegaram pelas identidades étnicas serem muito marcadas.

7) **Identidades Intermediárias** – Esse grupo se diferencia dos outros, pois não tem sua vivência marcada totalmente pela visualização. São geralmente os surdos que têm resquícios de audição. São surdos e se identificam como surdos, mas se utilizam de recursos ouvintes para estar no mundo.

- Apresentam alguma porcentagem de surdez, mas levam uma vida de ouvintes;
- Para estes são de importância os aparelhos de audição, de aumento de som;
- Assume importância para eles o treinamento do oral, o resgate dos restos auditivos;
- Busca de amplificadores de som;
- Não uso de interpretes de cultura surda, de língua de sinais, etc. (alguns adoram língua de sinais por hobby);
- Quando presente na comunidade surda, geralmente se posiciona contra uso de interpretes ou considera o surdo como menos dotado e não entende a necessidade de língua de sinais de interpretes;
- Tem dificuldades de encontrar sua identidade visto que não é surdo nem ouvinte.

questões para reflexão

1) (IFTO) Sobre o tema identidades surdas, marque a alternativa incorreta.

- As identidades das pessoas surdas são plurais, múltiplas, heterogêneas, visuais; não são fixas; podem até ser contraditórias.
- Os surdos têm diferença e não deficiência. Os surdos são surdos em relação à experiência visual, longe da experiência auditiva.
- Os surdos foram acumulando estereótipos que têm reforçado cada vez mais a ideia de incapacidade. O discurso de poder do ouvinte controla esses estereótipos.
- As identidades das pessoas surdas são visuais, semelhantes; possuem a mesma cultura e a mesma identidade.
- Os surdos identificam-se enquanto aqueles com marcas de diferença cultural. São normais com o jeito de serem surdos.

2) Segundo Perlin (1998, p. 52), “a identidade é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições”. Dê nome aos conceitos de identidade:

- Os surdos que nasceram ouvintes, e que com o tempo se tornaram surdos.
- A consciência surda de ser definitivamente diferente e de necessitar de implicações e recursos completamente visuais.
- Surdos que vivem completamente dominados pela cultura ouvinte, não se reconhecem como surdos.
- Surdos que vivem longe da cultura surda por diversas questões.
- São surdos que estão entre as duas culturas, mas o contato maior é com a cultura ouvinte.

[1.5] abordagens educacionais

Para compreendermos as abordagens usadas na educação dos surdos, é imprescindível que façamos uma retomada histórica para conhecermos assim, o plano de fundo contextual dessas abordagens.

O sujeito surdo é tão antigo quanto a humanidade. A Bíblia, um dos livros mais antigos do mundo cita a presença de surdos na sociedade e da interação deles por meio da linguagem, embora não diga de que forma eles se comunicavam. Nessa época os surdos eram tidos como seres amaldiçoados, já que não eram vistos pela igreja como “imagem e semelhança de Deus”. Eram tidos como não racionais.

Os estudiosos nos contam que eram “jogados em abismos (Esparta), deixados nas praças públicas ou arenas à míngua (Atenas), atirados em rios (Roma), exterminados, abandonados, oferecidos aos deuses, conforme a cultura de cada povo” (VELOSO e MAIA FILHO, 2009 apud CORDEIRO, 2014, p. 14). Baseados nos estudos do filósofo Aristóteles, os quais enfatizavam a fala oral como a arte de persuasão, houve no império macedônico a disseminação da ideia de que sem ouvir não tem como aprender e sem falar não há como expressar o que conhece. Os gregos e romanos entendiam que os surdos se comparavam aos animais, portanto não tinham inteligência e por isso não podiam estudar, nem constituir família ou herdar o que a própria família conquistou.

O Egito era a única sociedade que enxergava de certa forma positiva a pessoa do surdo, uma vez que ele era tido como semideus. Para eles, seu silêncio era devido a não autorização para se comunicar com humanos, somente com deuses (HONORA e FRIZANCO, 2009).

Por ser um período teocêntrico, muito tempo se passou de ignorância acerca da cognição dos surdos. A igreja se interessava em promover caridade, embora apenas com surdos filhos de nobres, e a medicina tinha interesse em compreender as causas da surdez. Até que Gerolamo Cardano, no Século XVI, afirmou que os surdos eram doutrináveis, após investigar seu próprio filho surdo, e divulgar que, para ensinar conceitos aos surdos, era preciso usar imagens.

Nesse cenário, o médico Johann Conrad Amman (1669 – 1724), acreditando na capacidade do surdo oralizar, começou a estudar e desenvolveu técnicas de leitura labial e oralização. Ele era contra os surdos se comunicarem através de gestos e defendia o aperfeiçoamento dos procedimentos de leitura labial.

O monge beneditino Pedro Ponce de Leon, por sua vez, começou a observar a ‘comunicação gestual’ dos surdos e foi o primeiro a registrar o alfabeto de sinais, que embasou muitas pesquisas posteriores sobre línguas de sinais (STOKOE, 1987).

Outra personalidade muito relevante para a educação dos surdos foi o abade francês Charles Michel de L’Épée, dentre as várias minorias com quem trabalhou quando se dedicou aos estudos religiosos, os surdos chamaram sua atenção, o que lhe rendeu o título mundial de “pai dos surdos”. Ele acreditava na possibilidade de aprendizagem do surdo através de sua forma natural de comunicação: a língua de sinais e por isso criou a primeira escola pública do mundo para Surdos, em Paris, o Instituto Nacional para Surdos-Mudos, em 1760. Seus conhecimentos foram levados para muitos países e em 1815, o professor americano Thomas Hopkins Gallaudet, maravilhado com as descobertas de L’Épée visitou seu instituto como estagiário e em seguida fundou o que hoje é a única faculdade para surdos no mundo, conhecida como Universidade Gallaudet, em Washington, (MCCLEARY, 2005).

Muitos sucederam o abade L’Épée com contribuições ímpares para o progresso dos estudos sobre educação de surdos, e durante todos esses anos, três métodos de ensino para surdos foram registrados e até hoje ainda são utilizados, em menor ou maior escala.

O **Método Oral** é o principal deles e ainda muito acreditado nos dias atuais. Depois que a ideia de que os surdos eram irracionais foi negada, apostaram na concepção de que eles podiam falar, e que esta era a melhor forma de se comunicarem e viver mais facilmente em sociedade. Ainda hoje muitos profissionais da saúde acreditam que este é o melhor método de instrução para os surdos, isso se deve ao “II Congresso Mundial de Surdos-Mudos”, que aconteceu em 1880, em Milão, na Itália.

Nesse congresso, onde apenas um surdo compareceu e foi “convidado” a se retirar, foi decidido quase que unanimemente que o oralismo puro seria o método mais apropriado para interação do surdo e, o resultado fatídico desta decisão foi a proibição do uso das línguas de sinais pela comunidade surda, por aproximadamente oitenta anos. Várias consequências desastrosas decorreram dessa decisão: desde advertências acerca da proibição do uso da língua de sinais à punições severas, como os surdos terem seus braços amarrados se insistissem em “gesticular”.

A tentativa de “normalização” dos surdos com a proibição do uso das línguas de sinais proporcionou a não inclusão de muitos deles na sociedade, e aqueles que não conseguiam interagir por meio de oralização eram considerados incapazes, retardados, sem ser levado em conta, no entanto, as impossibilidades biológicas do sujeito.

Quase cem anos depois do afamado Congresso de Milão, visto que as línguas de sinais em todo mundo conseguiram subsistir à tentativa de aniquilação, surge a filosofia da **Comunicação Total** ou **Método Combinado**, criado por Dorothy Shifflet e desenvolvido por Loren Roy Holcom (SÁ, 1999). De acordo com Goldfeld (1997, p. 35):

A filosofia da Comunicação Total tem como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos, e entre surdos e ouvintes. Essa filosofia também se preocupa com a aprendizagem da língua oral pela criança surda, mas acredita que os aspectos cognitivos, emocionais e sociais, não devem ser deixados de lado em prol do aprendizado exclusivo da língua oral. Por esse motivo, esta filosofia defende a utilização de recursos espaço-visuais como facilitadores da comunicação.

O uso oficial dessa metodologia perdurou por poucos anos e fortaleceu a volta do uso das línguas de sinais, uma vez que ela causa muita confusão na comunicação por permitir o uso de qualquer recurso visual ou oral para efetivar a comunicação. Apesar disso, ainda hoje, quando não se conhece a língua de sinais, as pessoas se utilizam da comunicação total para se comunicar.

A terceira abordagem educacional voltada para o surdo é a **Filosofia Bilíngue**, apoiada pela maioria dos estudiosos contemporâneos, é alvo de muitas pesquisas, com inúmeras comprovações de favorecimento ao desenvolvimento educacional do surdo, já que é seu modo natural de comunicação. A educação bilíngue consiste em dar possibilidade à criança surda de aprender as duas línguas (língua de sinais e língua oral – necessariamente nessa ordem) desde a tenra idade. Como afirma Cordeiro (2014, p. 22):

Discussões iniciadas em 1986 no Brasil e, após tantas lutas e fracassos ligados aos métodos já mencionados, os surdos politizados e a comunidade de ouvintes envolvidas com as causas surdas, têm proposto a implantação do bilinguismo nas escolas regulares, que consiste em que os surdos sejam educados desde a tenra idade nas duas línguas, a sua materna, a língua de sinais, e uma segunda língua, neste caso, a Língua Portuguesa.

O bilinguismo tem sido implantado nas escolas brasileiras gradativa e lentamente, no Decreto 5.626 de 22 de Dezembro de 2005 consta que as escolas devem:

- (...) II - ofertar, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos;
- III - prover as escolas com:
- a) professor de Libras ou instrutor de Libras;
 - b) tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa;
 - c) professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas; (BRASIL, 2005)

A principal e mais recente manifestação política dos surdos acerca da implantação desta categoria de ensino nas escolas brasileiras é o movimento intitulado “Setembro Azul”, que defende primordialmente a “Educação Bilíngue para Surdos” e tem esse nome em alusão à comemoração do dia do surdo em 26 de setembro.

Resumindo...

O Oralismo concebe a surdez como uma deficiência, e, por isso, o surdo é visto como alguém que necessita de cura. O domínio da modalidade oral da Língua Portuguesa, para os oralistas, constitui o ideal a ser alcançado pelo surdo. Quem defende essa modalidade entende que a Língua de Sinais é uma forma limitada de interação e pode, por sua vez, atrapalhar o desenvolvimento da fala e da possível audição do surdo.

A Comunicação Total percebe a surdez como uma característica do sujeito surdo que pode limitar sua comunicação. Para facilitar, esta filosofia permite qualquer forma de comunicação oral ou sinalizada, ou seja, o uso concomitante de diferentes linguagens, verbais e não verbais. Nesse sentido, tanto a Libras quanto a Língua Portuguesa, ambas linguagens verbais, são consideradas igualmente importantes e possíveis formas de comunicar às quais o surdo deve ter acesso.

O uso da Língua De Sinais como língua natural do surdo, atrelada ao ensino também da Língua Portuguesa em sua modalidade escrita, estabelece o Bilinguismo, que percebe a surdez enquanto um marcador cultural do povo surdo. De acordo com essa abordagem, a Língua Brasileira de Sinais é a primeira língua do povo surdo, e a Língua Portuguesa é a sua segunda língua.

questões para reflexão

1- Nós estudamos que há três possibilidades de educação para o surdo: Oralista, Comunicação Total e Bilinguismo. Sobre o oralismo, responda: O oralismo é um método de ensino para surdos que visa capacitá-lo a se comunicar através da fala - oralização. É um movimento educacional muito forte e que persiste até os dias de hoje e que não aceita a Libras. Escolha uma opção: () Verdadeiro () Falso

2- A modalidade de ensino oralista e a comunicação total, negam a Libras como língua natural das pessoas surdas e provocam perdas consideráveis nos aspectos cognitivos, socioafetivos, linguísticos, político culturais e na aprendizagem desses alunos, muitas vezes irreparáveis. Escolha uma opção: () Verdadeiro () Falso

3- A educação do surdo na modalidade bilíngue no Brasil, visa capacitá-lo a utilizar a Libras e a Língua Portuguesa tanto no cotidiano da escola como na vida social. Muitos autores entendem ser esse o melhor caminho para o melhor desenvolvimento acadêmico e social do surdo, mas as conquistas referentes a essa abordagem, no Brasil, são muito recentes e as propostas pedagógicas nessa linha ainda não estão sistematizadas. Escolha uma opção: () Verdadeiro () Falso

4- A educação de surdos no Brasil é marcada por momentos históricos que influenciaram as ações pedagógicas educacionais deste sujeito. Assinale a afirmativa CORRETA que descreve um destes fatos marcantes da educação de surdos. Escolha uma:

() Em 1846 foi fundado o Instituto Imperial de Surdos-Mudos, por E. Huet, no Rio de Janeiro.

() O Congresso de Milão, 1880, não influenciou a política voltada para a educação de surdos no Brasil.

() Em 1999 ocorreu, em Recife, o V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos.

() A lei 10.436/02 representa uma conquista inigualável em todo o processo dos movimentos sociais surdos.

[1.6] o tradutor e intérprete de língua de sinais (TILS)

Atualmente, com o advento da difusão da LIBRAS no Brasil é comum nos depararmos com pessoas que tiveram acesso à LIBRAS através de um curso e já se sentem "um intérprete". Vocês verão quando começarem a estudar sua linguística, que é muito mais complexa do que imaginamos. Para ser um profissional Tradutor/Intérprete de LIBRAS/Língua Portuguesa é exigido um longo caminho para que alcancemos o reconhecimento profissional como estudos, técnicas, formação específica, certificação de proficiência e acima de tudo experiência e conhecimento sobre cultura, identidade surda e linguística tanto da Libras como da Língua Portuguesa.

Este profissional TILS deve estudar e ser capaz de interpretar de uma dada língua de sinais para outra língua ou desta outra língua para uma determinada língua de sinais, em sua modalidade oral ou escrita (MEC, 2004), no caso do Brasil, da LIBRAS para a Língua Portuguesa e vice-versa.

É necessário conhecer as atribuições do TILS e suas responsabilidades no cenário social e principalmente educacional. Para tal, vamos começar falando de ética. Reflita sobre a pergunta a seguir:

É ou não ético roubar um remédio, cujo preço é inacessível, para salvar alguém que, sem ele, morreria? Colocado de outra forma: deve-se privilegiar o valor "vida" (salvar alguém da morte) ou o valor "propriedade privada" (não roubar)?

Diante de várias concepções acerca do que vem a ser ética, vamos usar o conceito mais encontrado e menos complexo para compreender essa concepção: Ética é o conjunto de princípios e normas que um grupo estabelece para seu exercício profissional (por exemplo, os códigos de ética dos médicos, dos advogados, dos psicólogos, etc.).

Assim, partimos do pressuposto que é preciso possuir critérios, valores, e, mais ainda, estabelecer relações e hierarquias entre esses valores para nortear as nossas ações em sociedade, seja na família, seja na escola, seja como profissionais ou como cidadãos comuns. Como a sociedade e seus participantes mudam constantemente, a ética termina por ser um eterno pensar, refletir e construir.

Assim como outras áreas profissionais reconhecidas, os TILS também têm seu código de ética, expresso através de um documento oficial do Ministério da Educação intitulado "O tradutor intérprete de LIBRAS e a Língua Portuguesa", que é encarado pelos profissionais da área como seu código de conduta diante da profissão que ele escolheu realizar.

Este profissional foi reconhecido recentemente através da Lei Federal 12.319, de 1º de setembro de 2010, que trata também sobre a formação do TILS e das suas competências.

Qual a responsabilidade do intérprete quanto ao processo ensino aprendizagem do aluno?

Essa é uma das maiores dúvidas encontradas no âmbito educacional sobre a atuação do intérprete educacional. Costumamos dizer que o intérprete faz o papel do aparelho telefônico. E qual a função deste dispositivo? Apenas estabelecer conexão linguística entre um sujeito e outro numa ligação. Ele serve para transmitir o que um e outro falam e não faz interferências nessa interação. Além do intérprete educacional ter essa função de fazer a mediação ou interpretação de um código linguístico para o outro, em todas as ocasiões que se fizerem necessárias (como em sala de aula, palestra, provas, avisos entre outros), este profissional também possui uma função pedagógica, como planejar sua ação nos diversos ambientes escolares, de forma a tornar-se mais didático, participar de reuniões pedagógicas da escola, contribuir com o conselho de classe, colaborar com os professores no sentido de fornecer informações acerca do universo surdo, etc.

É necessário, no entanto, que nem o TILS e nem o professor confunda suas responsabilidades frente ao estudante surdo. O mesmo continua sendo responsabilidade do professor, como qualquer outro estudante, não importa se ele ouve ou não.

A presença do TILS em sala de aula é imprescindível para qualquer aluno surdo que se utiliza da LIBRAS para se comunicar. Abaixo podemos observar, alguns possíveis aspectos favoráveis e desfavoráveis da presença do intérprete em sala de aula, conforme Magalhães (2013):

Aspectos Favoráveis

- O aluno surdo aprende de modo mais fácil o conteúdo de cada disciplina;
- O aluno surdo sente-se mais seguro e tem mais chances de compreender e ser compreendido;
- O processo de ensino-aprendizagem fica menos exaustivo e mais produtivo para o professor e alunos;
- O professor fica com tempo suficiente para atender todos os alunos igualmente;
- A LIBRAS passa a ser mais divulgada e utilizada de maneira mais adequada;
- O aluno surdo tem melhores condições de desenvolver-se, favorecendo inclusive seu aprendizado da Língua Portuguesa (falada e/ou escrita).

Aspectos Desfavoráveis

- O intérprete pode não conseguir passar o conteúdo da mesma forma que o professor está falando;
- O aluno não presta atenção às ações do professor regente, porque está atento ao intérprete;
- Há necessidade de pelo menos dois intérpretes por turma porque a atividade é exaustiva;
- Os demais alunos ouvintes podem ficar desatentos, porque se distraem olhando para o intérprete;

- O professor regente pode sentir-se constrangido em estar sendo interpretado;
- O professor não interage diretamente com o aluno.

Conforme preconiza o documento oficial que trata da profissão do TILS no Brasil (Quadros, 2004, p. 28 - 29):

Qual o papel do intérprete?

Realizar a interpretação da língua falada para a língua sinalizada e vice-versa observando os seguintes preceitos éticos:

- confiabilidade (sigilo profissional);
- imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias);
- discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação);
- distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados);
- fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).

O que acontece quando há carência de profissionais intérpretes?

Quando há carência de intérpretes de língua de sinais, a interação entre surdos e pessoas que desconhecem a língua de sinais fica prejudicada. As implicações disso são, pelo menos, as seguintes:

- os surdos não participam de vários tipos de atividades (sociais, educacionais, culturais e políticas);
- os surdos não conseguem avançar em termos educacionais;
- os surdos ficam desmotivados a participarem de encontros, reuniões, etc;
- os surdos não têm acesso às discussões e informações veiculadas na língua falada sendo, portanto, excluído da interação social, cultural e política sem direito ao exercício de sua cidadania;
- os surdos não se fazem "ouvir";
- os ouvintes que não dominam a língua de sinais não conseguem se comunicar com os surdos.

O que é possível fazer?

- investigação sobre todos os serviços de intérpretes existentes oficiais e extraoficiais;
- criação de leis sobre o direito ao serviço de intérprete reivindicando que a sociedade assuma a responsabilidade desses serviços;
- reconhecimento da profissão de intérprete;
- realização de pesquisas sobre interpretação e as condições de trabalho dos intérpretes;

- formação sistemática para os intérpretes;
- aumento de cursos de línguas de sinais;
- criação de programas para a formação de novos intérpretes;
- cursos que orientem aos surdos como e quando usarem os serviços do intérprete.

Muitas dúvidas sobre a atuação do TILS surgem no decorrer da prática com a presença dele em sala de aula. É uma situação ainda estranha aos professores que até pouco tempo exerciam sua profissão solitariamente em sala de aula. Contudo, a melhor opção é trabalhar em equipe e colaborar mutuamente pensando no progresso do processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos surdos.

questões para reflexão

- 1) (IF Sertão - PE) As atribuições do tradutor e intérprete de LIBRAS de acordo com a Lei nº12.319/2010 são:
- I. interpretar sempre que possível para os ouvintes o que os surdos colocam, mesmo que seja um assunto particular;
 - II. interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;
 - III. atuar somente nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos mas sem realizar tradução completa dos textos, apenas palavras soltas;
 - IV. efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da LIBRAS para a língua oral e vice-versa;
 - V. atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas e prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais.
- Escolha uma:
- () II – III – V estão corretas.
 - () I – II – III – IV estão corretas.
 - () II – IV – V estão corretas.
 - () I – III – IV estão corretas.
 - () Todas as alternativas estão erradas.

2) A Constituição do Brasil de 1988 em seu Art. 205, fala da educação enquanto dever também da família. O texto em foco também trata sobre a importância do envolvimento familiar e sua responsabilidade com a escolarização, que constitui uma parceria que só traz benefícios para o aluno. Marque a alternativa correta acerca do assunto, segundo o texto. Escolha uma:

A parceria escola-família resulta em vantagens somente para os alunos, que passam a vislumbrar um futuro digno, se tornam mais seguros e apoiados, e passam a conhecer o universo cultural da escola.

O envolvimento da família no processo educativo-inclusivo-escolar é imprescindível, mas não lhes dá o direito de fazer escolhas ou tomar decisões no âmbito escolar.

Com a parceria da família todos ganham: os pais adquirem competências para auxiliar o filho e passam a vislumbrar um futuro digno para seus filhos, os professores sentem-se mais seguros e apoiados, passam a conhecer o universo cultural do aluno e a compreendê-lo melhor; e o aluno se sente mais acolhido, ativo, reconhecido e seguro, com maiores chances na construção do conhecimento intelectual e crítico e na participação efetiva da vida escolar e social.

3) Nas situações descritas abaixo, escreva P para aquelas que são de responsabilidade do professor e I para aquelas que são responsabilidade do profissional tradutor intérprete de LIBRAS.

- () Tirar dúvida do aluno surdo acerca do conteúdo da disciplina
- () Saber os sinais que são utilizados no contexto da disciplina
- () Saber o conteúdo da disciplina
- () Autorizar o aluno a se retirar da sala por qualquer motivo
- () Tirar dúvida das atividades desenvolvidas em sala.
- () Conduzir o aluno para qualquer atividade extra sala dentro ou fora da escola
- () Responsabilizar-se pelo surdo fora do ambiente escolar em atividade extra sala
- () Corrigir o surdo acerca de qualquer conduta errada
- () Dizer como escreve uma palavra referente a um sinal utilizado
- () Avaliar os alunos em sala ou em atividade escolar extra sala
- () Participar do conselho de classe
- () Contribuir com o preparo da metodologia da aula pensando no surdo

[1.7] legislações

As leis e documentos oficiais internacionais e brasileiras são os registros que regulam as nossas ações. Praticamente nada é feito sem uma legislação que regulamente a ação.

No Brasil, os surdos começaram a ser escolarizados no Século XVIII com a chegada do francês René Ernest Huet, trazido por D. Pedro II. Mas apenas os surdos filhos de nobres tinham acesso ao estudo. Conforme Santos (2011, p. 29):

[...] Huet inaugurou a primeira escola de surdos, na época chamada de Imperial Instituto de Surdos-Mudos, hoje conhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, onde alunos surdos de todo o país estudavam em regime de internato com o professor francês e quando retornavam para suas casas multiplicavam seus conhecimentos, o que tornou essa escola o berço da cultura surda e difusão da LIBRAS por todo o país.

O INES foi fundado no Rio Janeiro e funciona até os dias atuais. Desde então vemos progresso na educação de surdos que passou pela educação especial, a integradora e hoje a educação inclusiva, que abrange também a luta por escolas bilíngues, que considerem a LIBRAS como principal língua de instrução e a Língua Portuguesa como segunda língua.

Vejam abaixo, os documentos que justificam a inclusão dos surdos. São inúmeros, e por isso estão listados aqui apenas os mais importantes.

documentação internacional inclusiva

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS - Delineia os direitos humanos básicos e foi adotada pela Organização das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948 (A/RES/217). Esboçada principalmente por John Peters Humphrey, do Canadá, mas também com a ajuda de várias pessoas de todo o mundo.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA (1994) - Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais - O texto, que não tem efeito de lei, diz que também devem receber atendimento especializado crianças excluídas da escola por motivos como trabalho infantil e abuso sexual. As que têm deficiências graves devem ser atendidas no mesmo ambiente de ensino que todas as demais.

DECRETO Nº 3.956, DE 8 DE OUTUBRO DE 2001 - Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência.

CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (2009) – A convenção foi aprovada pela ONU e tem o Brasil como um de seus signatários. Ela afirma que os países são responsáveis por garantir um sistema de Educação inclusiva em todas as etapas de ensino.

legislação inclusiva brasileira

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988 - Assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus. Estabelece quem é o deficiente e dispõe sobre a integração dos PcDs à sociedade (Art. 203, Seção IV, itens IV e V), define a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa (Art. 205), estabelece a igualdade de condições de acesso e permanência na escola (Art. 206) e tutela às pessoas com deficiência um atendimento educacional especializado por parte do Estado (Art. 208). (CORDEIRO, 2014)

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 - Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

DECRETO Nº 3.298 DE 20 DE DEZEMBRO DE 1999 - Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências.

ABNT NBR – 9050 – Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.

LEI Nº 10.098 DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000 - Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

LEI Nº 10.172 DE 9 DE JANEIRO DE 2001 - Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências.

LEI Nº 10.845 DE 05 DE MARÇO DE 2004 - Institui o Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiência, e dá outras providências.

●
●
●
●
●
●
●
●

DECRETO Nº 5.296 DE 02 DE DEZEMBRO DE 2004 - Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA (2008)

LEI 13.146 DE 6 DE JULHO DE 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

legislação para a inclusão de surdos

LEI Nº 2.089 DE 29 DE SETEMBRO DE 1998 – Institui a obrigatoriedade de inserção, nas peças publicitárias para veiculação em emissoras de televisão, da interpretação da mensagem em legenda e na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

LEI Nº 10.436 DE 24 DE ABRIL DE 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005 - Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

LEI Nº 12.319 DE 1º DE SETEMBRO DE 2010 - Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

PROGRAMA NACIONAL DE APOIO À EDUCAÇÃO DOS SURDOS, ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS, CAMINHO PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA. Volume I e Volume II, MEC, Brasília, 2004.

questões para reflexão

ATIVIDADE:

1) (UFPI) A Lei 10.436/2002, em seu artigo 4º, afirma que o sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão do ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), nos níveis médio e superior dos cursos de:

Escolha uma:

- () Educação Especial; Fonoaudiologia e Magistério.
- () Fonoaudiologia, Psicologia e Educação Especial.
- () Letras LIBRAS, Fonoaudiologia e Licenciatura.
- () Educação Especial, Letras LIBRAS e Pedagogia Bilíngue.
- () Pedagogia Bilíngue, Educação Especial e Magistério.

2) (IF do Sertão) Alguns fatos e personagens marcaram a educação de surdos no Brasil e no mundo. A partir dos dados, associe a segunda coluna com a primeira e assinale a alternativa que correspondente CORRETAMENTE à sequência de associação feita de cima para baixo:

I - Willian Stokoe

II - INES

III - Congresso de Milão

IV - Lei Nº 10.436/02

(...) Ocorreu em 1880. Dentre suas resoluções declara que o método oral puro deve ter preferência sobre os sinais na instrução e educação dos surdos.

(...) Sancionada em 24 de abril de 2002 a lei que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como língua de comunicação da comunidade surda.

(...) Foi um estudioso que pesquisou extensivamente a Língua de Sinais Norte Americana, enquanto trabalhava na Universidade Gallaudet.

(...) Instituto Nacional de Educação de Surdos, criado no Século XVIII pelo francês René Ernest Huet.

3) (IF Sertão - PE) Uma das lutas da comunidade surda é a implementação das escolas bilíngues para surdos. Assinale a alternativa em que de acordo com o Decreto Nº 5. 626/ 2005 são denominadas escolas bilíngues:

Escolha uma:

(...) As escolas em que a LIBRAS e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

(...) As escolas em que a LIBRAS é a língua de instrução de todo processo educativo.

(...) As escolas que garantem a matrícula do aluno surdo no ensino regular e oferecem no turno oposto o Atendimento Educacional Especializado em LIBRAS.

(...) As escolas em que a LIBRAS e a Língua Portuguesa na modalidade oral e escrita sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

unidade 2

aspectos linguísticos da libras

-
- [2.1] fonologia das línguas de sinais 36
 - [2.2] morfologia 43
 - [2.3] sintaxe 61
-



Como podemos observar, no capítulo anterior a Língua de Sinais se apresenta como a principal marca da cultura surda. Neste capítulo, estudaremos como se organiza a LIBRAS a partir da concepção linguística.

Para darmos início a essa discussão, é preciso primeiramente compreendermos a diferença entre língua e linguagem. Saussure (1970, p. 17) apud Carvalho (2013, p. 58) afirma que a língua “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Em relação à linguagem, Cunha, Costa e Martelotta (2013, p.15) enfatizam que este termo pode ter mais de um sentido, porém, “ele é mais comumente empregado para se referir a qualquer processo de comunicação, como a linguagem dos animais, a linguagem corporal, a linguagem das artes, a linguagem da sinalização, a linguagem escrita, entre outras.” Assim, se a linguagem se refere a qualquer processo de comunicação, pode-se dizer que a língua é um recorte do todo da linguagem, pois de acordo com a teoria saussuriana os seres humanos também se comunicam por meio dela. A língua, então, é uma especificidade dos seres humanos para se comunicar, pois esta se apresenta como um fator social e dotada de regras que não podem ser alteradas.

De acordo com essa dicotomia saussuriana, a LIBRAS faz parte da capacidade humana de comunicação e, também, se caracteriza como um fator social da linguagem composta de convenções estabelecidas pelos membros da comunidade surda e que não podem ser modificadas. Assim, a LIBRAS cumpre com o mesmo estatuto linguístico das línguas orais, ou seja, possui fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

No Brasil, a LIBRAS se sustenta em três pilares 1) social, pois há uma comunidade de fala da língua, 2) linguístico, porque há um sistema linguístico convencionado por essa comunidade e 3) político, uma vez que pertence ao campo das políticas linguísticas e, principalmente, encontra-se reconhecida oficialmente na Constituição brasileira através da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, a qual afirma no Parágrafo Único do artigo 1º que:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Essa lei foi uma grande conquista da comunidade surda brasileira, pois assim, o surdo pode ser concebido também a partir das minorias linguísticas e acabar com os estigmas da deficiência. Também com o reconhecimento dessa língua, os surdos tiveram uma maior visibilidade no cenário social e passaram a ser protagonistas de muitas pesquisas e estudos sobre a língua de sinais. Graças a isso, muitas concepções inadequadas puderam ser desmitificadas. Quadros e Karnopp (2004, p. 31 – 37) descrevem estes mitos:

Mito 1: A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.

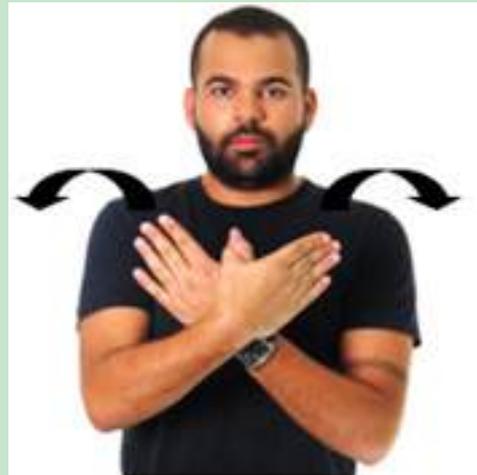
As línguas de sinais são línguas completas e complexas capazes de expressar qualquer ideia, seja ela concreta ou abstrata. Assim, são formadas por sinais icônicos, os quais de acordo com Albres (2013, p. 83) podem ser definidos como “propriedade das palavras ou dos sinais

Figura 1: Imagem dos sinais de TELEFONE e BORBOLETA respectivamente.

TELEFONE



BORBOLETA



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

de tomar como base para sua criação as características físicas do referente, parte deste ou o todo, ou mesmo a relação cultural que o homem tem com esse referente.” Entende-se então que sinais icônicos são aqueles que tem uma semelhança com o real, como por exemplo, os sinais de TELEFONE e BORBOLETA, conforme as imagens abaixo:

Mas devemos ressaltar que além da iconicidade, as línguas de sinais também são formadas pela arbitrariedade. Conforme Albres (2013, p. 84):

Apesar da possibilidade de alguns sinais terem motivação em características do que representam, os sinais não são os objetos que representam. Dessa forma, cada comunidade linguística pode, ao se relacionar com esse referente, escolher qualquer parte dele ou qualquer outro signo distante de qualquer associação/ relação com o referente. Isso significa que a palavra ou sinal de uma língua não se prende simplesmente pela sua representatividade, mas depende de uma produção social-coletiva para a construção dessa significação na língua.

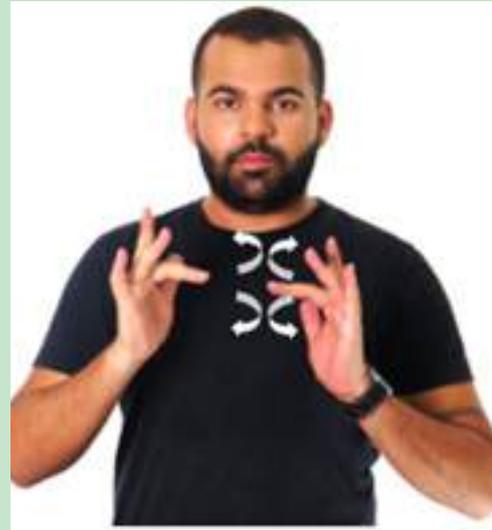
Sendo assim, não há a obrigatoriedade dos sinais representarem a forma real do referente, mas também depende da convencionalidade de determinadas comunidades linguísticas. Pode-se definir então que os sinais arbitrários têm significado somente para os falantes da língua, é o caso dos sinais de BISCOITO e NAMORAR.

Figura 2: Imagem dos sinais de BISCOITO e NAMORAR

BISCOITO



NAMORAR



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Durante muito tempo houve a crença da impossibilidade linguística das línguas de sinais por pensarem que a sinalização era composta somente por iconicidade. Porém, estudos revelam a arbitrariedade presente nessas línguas, a qual permite expressar ideias mais complexas e abstratas.

Mito 2: Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas.

Muitas pessoas acreditam que as línguas de sinais são iguais em todo o mundo. Tal concepção desconsidera a localização geográfica e os contextos culturais insignificantes na formação das línguas e dos itens lexicais. Mesmo nos países que a língua oral é a mesma, as línguas de sinais se diferenciam. A língua de sinais utilizada na Angola não é a mesma de Portugal, a da Venezuela não é a mesma da Argentina, do Brasil. Nas figuras abaixo pode-se perceber a diferença dos itens lexicais utilizados no Brasil e nos Estados Unidos da América.

Figura 3: Imagem do sinal de BOM da Língua Brasileira de Sinais
BOM – LIBRAS



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Figura 4: Imagem do sinal de GOOD da American Sign Language
GOOD – ASL



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Mito 3: Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais, que seria derivada das línguas de sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais.

Primeiramente, é importante conceituar o termo pidgin. Hlibowicka-Węglarz (2016, p. 02) afirma que:

Os pidgins apareceram em contextos de urgência comunicativa, quando os representantes de dois grupos de falantes tiveram necessidade de comunicação imediata. [...] Os pidgins são línguas veiculares simples, de uso bem restrito, são línguas acessórias, subsidiárias que não substituem a língua de origem dos que as falam, mas são usadas em diferentes contextos e situações de intercâmbio. É uma forma de linguagem que facilita a comunicação imediata entre populações heterogêneas.

De acordo com a afirmação acima, pidgin pode ser entendido como a mistura emergencial de duas línguas para que haja comunicação entre pessoas de grupos diferenciados. Houve tempo em que se acreditava que a língua de sinais não era uma língua propriamente dita por ser uma mistura com a língua oral, ou seja, um pidgin. Talvez isso acontecesse pelo fato da presença do alfabeto manual (datilologia), o qual representa letra por letra da língua oral. Góes e Campos (2013, p.71) afirmam que:

Não se deve pensar que alfabeto manual é a língua de sinais, pois ele possui uma função específica. Na interação entre pessoas usuárias da língua de sinais, ele é utilizado para soletrar nomes próprios de pessoas ou lugares, siglas, elementos técnicos, palavras que ainda não possuem sinais correspondentes, ou em algumas situações de empréstimo de palavras da língua portuguesa [...]

Assim, o alfabeto manual não é a língua de sinais, mas uma representação visual da grafia das línguas orais. É utilizado somente para dizer nomes próprios (pessoas, Estados, países, endereços...) que ainda não possuem um sinal, sendo muitas vezes evitado durante a sinalização.

Outro fato que necessita ser esclarecido é que as línguas sinalizadas não têm uma dependência estrutural das línguas orais, mas possuem uma independência gramatical. As línguas de sinais são línguas naturais e não são gestos soltos, possuem um sistema linguístico pertencente a uma modalidade visual-espacial.

Mito 4: As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.

Muitos estudiosos acreditavam que pelo fato das línguas de sinais serem de modalidade visual-espacial, estas se localizavam no hemisfério direito do cérebro, o hemisfério responsável pelas relações espaciais. Pesquisas com surdos que apresentavam lesões no hemisfério direito demonstraram que estes eram capazes de processar as informações linguísticas da língua de sinais. Já os surdos que possuíam lesões no hemisfério esquerdo não processavam as informações linguísticas.

Estes estudos mostram que embora a língua de sinais faça parte de uma modalidade visual-espacial, é processada no hemisfério esquerdo, assim como as línguas orais. Isso também nos revela que a linguagem do ser humano independe da modalidade.

Essas desmistificações são muito relevantes, como afirma Santos (2017, p. 27) “derrubam a ideia de que as línguas de sinais são inferiores às línguas orais, mudando a concepção existente nas sociedades ouvintes em relação à língua e aos surdos.” Em uma perspectiva linguística, as línguas sinalizadas são línguas completas que podem ser analisadas a partir de diversos níveis. Com este novo olhar sobre as línguas sinalizadas, estudaremos nas próximas unidades as categorias gramaticais da Língua Brasileira de Sinais.

[2.1] fonologia das línguas de sinais

Para iniciarmos esta sessão, é importante ressaltar que as línguas de sinais são línguas naturais e, portanto, exibem a dupla articulação. De acordo com Martelotta (2013, p. 39) “a linguagem humana é articulada: porque se manifesta através de sentenças resultantes da união de elementos menores. E podemos também compreender o termo “dupla articulação”: existem dois tipos diferentes de unidades mínimas: os morfemas e os fonemas.” Então, pode-se dizer que os sinais não são indivisíveis, pois podem ser divididos em pequenas unidades arbitrárias, com significação, e em menores unidades ainda sem significado e que possuem também a função de distinguir significados.

A fonologia das línguas de sinais teve seu estudo iniciado com o professor da Gallaudet University², Willian Stokoe, na década de 1960. Inicialmente, Stokoe atribuiu o nome de quirema para as menores unidades dos sinais que poderiam distinguir significado e de quirologia para o estudo das combinações dessas unidades. Em meados da década de 1980, o próprio Stokoe e outros linguistas passaram a denominar estes termos de fonema e fonologia, visto que são línguas que cumprem com o mesmo estatuto linguístico das línguas oralizadas. Quadros e Karnopp (2004, pag. 47) afirmam que a fonologia das línguas de sinais é compreendida como:

[...] ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. A primeira tarefa da fonologia para línguas de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico.

Vale ressaltar que diferentemente das línguas oralizadas, as quais utilizam a laringe, nariz e boca para a passagem do ar, as línguas de sinais possuem uma modalidade visual-espacial, pois a informação linguística é produzida pelas mãos e recebida pela visão. Nas línguas sinalizadas os articuladores primários são as mãos, as quais se locomovem em um espaço em frente ao corpo. Além disso, os sinais podem ser realizados com uma ou duas

² A Gallaudet University está localizada em Washington D.C., capital dos Estados Unidos da América e é a única universidade do mundo que todo ensino, pesquisa e extensão estão voltados para as línguas de sinais e educação de surdos. Ela recebe este nome em homenagem à Thomas Hopkins Gallaudet, o precursor da educação de surdos neste país.

mãos. Os sinais que são realizados com uma mão, são produzidos com a mão dominante, geralmente a direita, já os que são produzidos com duas mãos têm uma condição de simetria ou assimetria. Sinais simétricos são aqueles que as mãos possuem as mesmas configurações de mãos e movimento, e sinais assimétricos possuem configurações de mãos diferenciadas e possuem uma mão ativa e uma passiva, ou seja, uma mão exerce dominância sobre a outra. Veja nos exemplos abaixo:



No final da década de 1960, ao se debruçar sobre o estudo dos fonemas em American Sign Language (ASL), Stokoe percebeu que os sinais tinham características fonológicas em comum, ou seja, os sinais possuíam Configuração de Mão, Ponto de Articulação e Movimento, os quais foram caracterizados como parâmetros primários. Com os avanços de pesquisas nesta área, mais dois fonemas foram incorporados à fonologia das línguas de sinais: a orientação e as expressões não-manuais. Vejamos detalhadamente cada uma destas unidades:

a) Configuração de Mão (CM): são as formas da(s) mão(os) durante a realização do sinal. O sinal pode desenvolver uma ou mais CM's que se apresentam de maneiras diferenciadas, como por exemplo, a quantidade de dedos estendidos ou contraídos, mãos fechadas, abertas e etc. É importante dizer que as CM's podem variar de uma língua para outra. Vejam os exemplos de CM's da Libras na figura abaixo:

Figura 6: Ilustração das Configurações de Mãos da Libras.



Fonte: <http://escarlartedecriar.blogspot.com.br/2014/10/libras-configuracao-de-mao.html>

b) Ponto de Articulação (PA) ou Localização (L): caracteriza-se como o local onde o sinal é realizado. Esse local pode ser no espaço neutro ou tocando alguma parte do corpo, sendo que os sinais que são realizados na mão passiva e no tórax são mais abrangentes, já os sinais realizados na cabeça são mais específicos.

Além disso, alguns locais pertencem a um campo semântico que apresenta características icônicas. Por exemplo, a) grande parte dos sinais que são realizados próximos à boca se referem a alimentação, b) sinais realizados próximo ao coração tem relação com sentimentos e c) sinais realizados na cabeça faz referência a sentimentos.

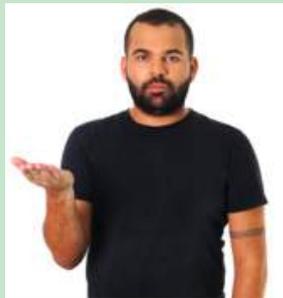
c) Movimento (M): apresenta-se como o movimento que o sinal realiza durante a sua execução. O movimento pode ser interno das mãos (dedos se mexem abrindo, fechando, dobrando ou estendendo), do(s) pulso(s) ou do(s) braço(s). O movimento pode ser em linha reta, curva, sinoidal, helicoidal, circular, quadrada e etc.

Pode-se dizer que o movimento é um dos parâmetros mais complexos, pois também possui função enunciativa. Através deste fonema é possível alterar o enunciado indicando tensão, retenção, gerúndio, repetição, duplicação e em alguns casos até o plural.

d) Orientação (O) ou Direção (D): é caracterizada pela direção da palma da mão durante a realização do sinal. Existem seis (06) orientações da palma da mão, são elas: para cima, para baixo, para fora, para dentro, contralateral e ipsilateral (FERREIRA, 2010).

Figura 7: Imagens das orientações da palma da mão.

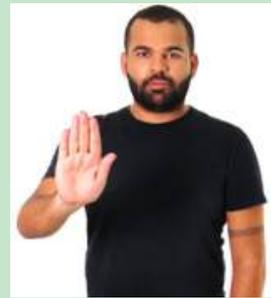
PARA CIMA



PARA BAIXO



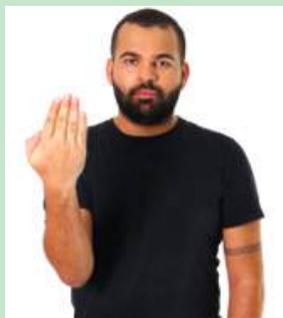
PARA FRENTE



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Figura 7: Imagens das orientações da palma da mão.

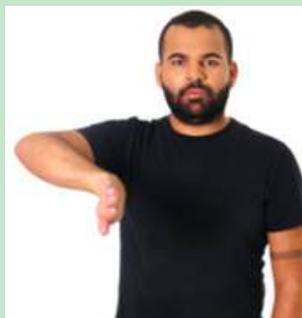
PARA DENTRO



CONTRALATERAL



IPSILATERAL



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

e) Expressões não-manuais (ENM): podem ser definidas como as expressões faciais e corporais e são componentes muito importantes durante a realização dos sinais, muitas vezes para expressar realmente o enunciado é necessária uma expressão não-manual.

Podemos dividir as expressões não-manuais em dois (02) grupos: a) das expressões que estão presas ao sinal e/ou afetivas: indica alegria, raiva, tristeza, cansaço e etc. e b) as expressões gramaticais que estão relacionadas à morfologia (indica o grau e a intensidade) e à sintaxe (está relacionada à tipologia da frase e à mudança na ordem básica da frase para enfatizar e topicalizar).

No Brasil, uma das pioneiras nos estudos linguísticos da Libras, a pesquisadora Lucinda Ferreira, aponta também como fonema a disposição das mãos, o qual pode ser conceituado

como a articulação do sinal que pode ser realizada por uma ou duas mãos. No último caso, as duas mãos podem se movimentar para realizar o sinal ou uma das mãos realiza o sinal tendo como PA a mão passiva. Outro fonema apontado pela autora foi a região de contato, o qual se caracteriza por uma mão que toca a outra mão ou alguma parte do corpo. Este contato pode ser um toque, um risco, um deslizamento entre outros (FERREIRA, 2010). Vejamos os exemplos de região de contato de acordo com o sistema de escrita da língua de sinais SignWriting:

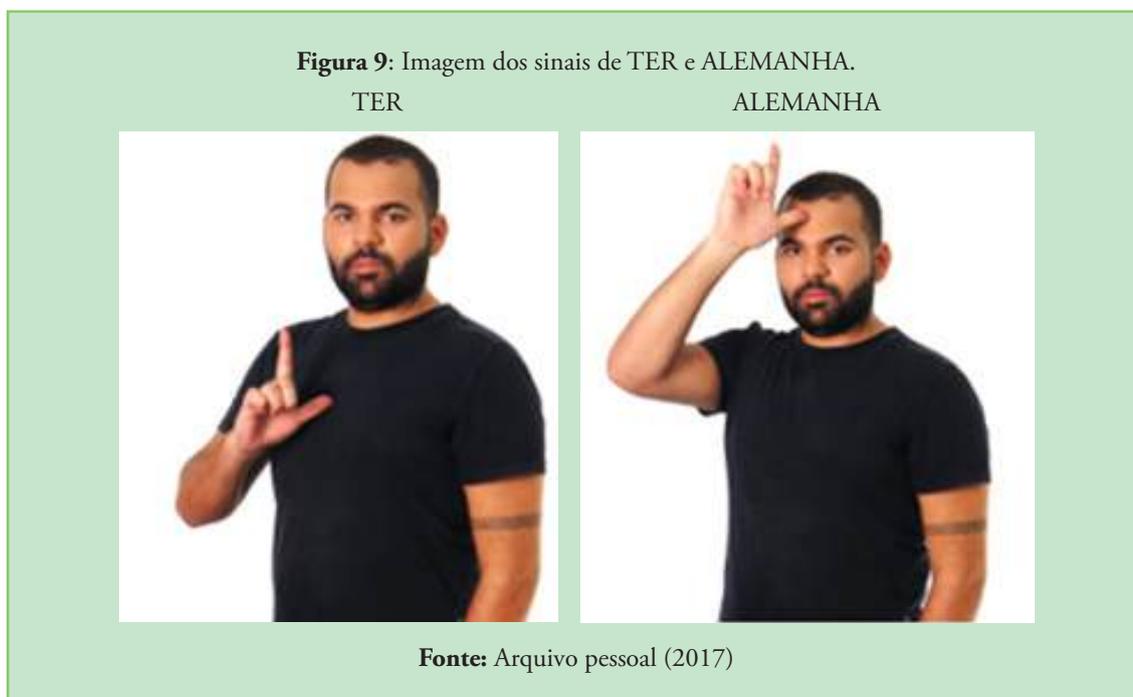
	CONTATO: o Contato tipo toque é definido com a mão gentilmente em contato com outra parte do corpo. Ex.: casa, aula, surdo.
	PEGAR: é definido com a mão pegando uma parte do corpo ou um pedaço da roupa. Ex.: casar, ótimo, voluntário.
	ENTRE: é definido com um toque entre duas partes do corpo que passam uma através da outra, geralmente entre dedos. Ex.: confusão, brigar, máquina.
	BATIDA: é definido com uma mão fortemente em contato com uma superfície. Ex.: pagar, comprar, forte.
	ESCOVAR: é definido com o movimento que tem contato e depois sai de uma superfície. Ex.: morrer, UEA, curso.
	ESFREGAR: é definido como o contato que move, mas permanece na superfície. Ex.: saudade, Manaus, cinza.

Partindo destes conceitos, pode-se perceber que estes cumprem com a função da fonologia de identificar quais são as unidades mínimas que constituem os sinais e como elas podem se combinar entre si. Além disso, a fonologia também analisa as similaridades e diferenças entre essas unidades e como elas podem distinguir significados. Por exemplo:

a) sinais que se diferenciam pela CM:



b) sinais que se diferenciam pelo PA:



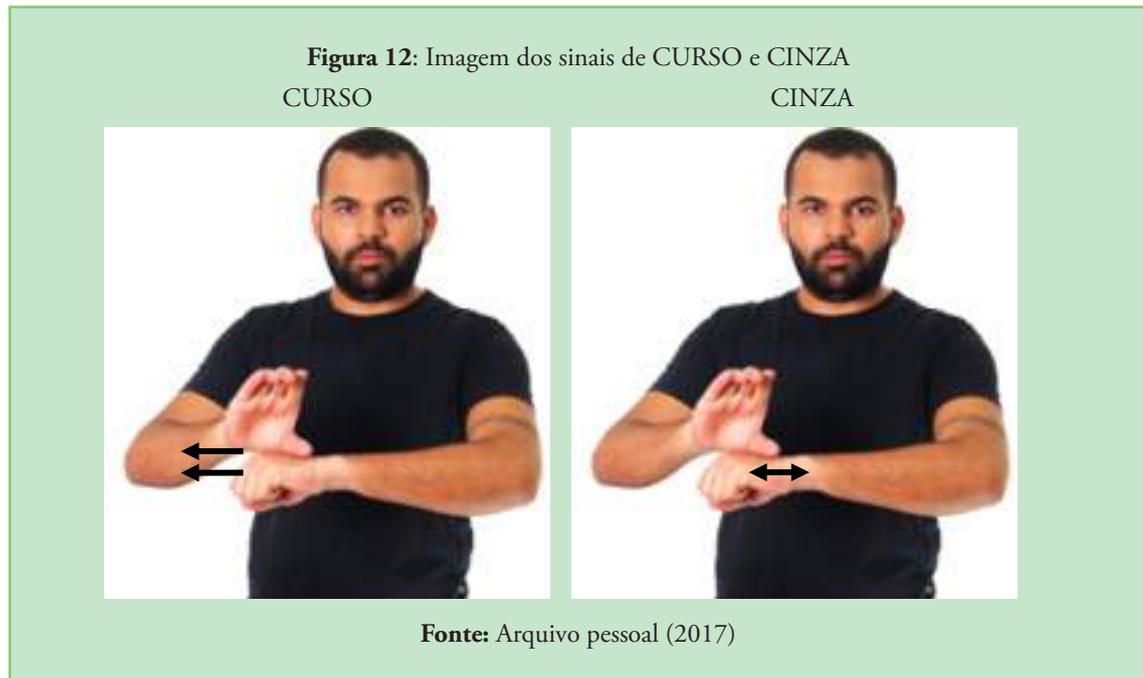
c) sinais que se diferenciam pelo M:



d) sinais que se diferenciam pela ENM



e) sinais que se diferenciam pela Região de Contato:



Diante desse estudo apresentado, faz-se muito necessário o enunciador ter consciência dos fonemas da LIBRAS para sinalizar de maneira compreensível ao receptor da mensagem, com a finalidade de evitar desvios fonológicos e equívocos de significados.

questões para reflexão

Em duplas, escolha um item lexical da LIBRAS e faça sua descrição fonológica, isto é, identifique no sinal as seguintes unidades: configuração de mão, ponto de articulação, orientação, movimento, região de contato e expressão não-manual.

Identifique no vídeo com os pares mínimos qual é o fonema que diferencia os sinais.

1	6
2	7
3	8
4	9
5	10

[2.2] morfologia

Após estudarmos as mínimas unidades sem significado que formam os sinais e podem distinguir significados, os fonemas, estudaremos agora as pequenas unidades arbitrárias, ou seja, com significado que compõem os sinais, os morfemas. De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 86) “Morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras. A palavra morfema deriva do grego *morphé*, que significa forma. Os morfemas são as unidades mínimas de significado.” Assim, nessa seção estudaremos os morfemas flexionais, intrínsecos e o processo de formação dos sinais através da derivação e da composição.

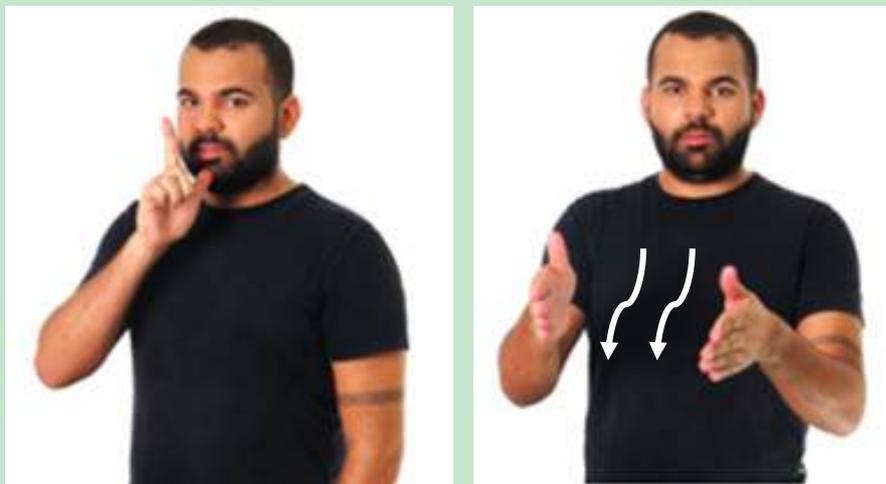
composição

A composição é o processo de formação de sinais a partir da junção de dois ou mais itens lexicais da língua de sinais. Quadros e Karnopp (2004, p. 102) afirmam que “com a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais, os processos de composição permitem a nomeação ou caracterização de seres pela junção de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical.”

A composição pode ser por justaposição e por aglutinação. A primeira ocorre quando há a junção de dois ou mais sinais, porém não ocorre alteração fonética em nenhum deles. É o caso do sinal de RIO e ZEBRA.

Figura 13: Imagem dos sinais de RIO e ZEBRA.

ÁGUA + CAMINHO = RIO



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

CAVALO + LISTRA = ZEBRA



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Já a composição por aglutinação ocorre quando há a junção de dois ou mais sinais e há a supressão de um ou mais elementos fonéticos. Para a formação deste tipo de composto em LIBRAS há a presença de três (03) regras: regra de contato, regra da sequência única e regra da antecipação da mão. Veremos de maneira mais detalhada cada uma delas:

• **Regra de contato:** normalmente os sinais possuem algum contato. Dessa forma, para a formação de compostos em LIBRAS há uma mudança na realização destes contatos. Se o primeiro sinal apresentar um contato e o segundo não, o contato tende a permanecer. O mesmo acontece se o segundo sinal apresentar contato e o primeiro não, o contato tende a permanecer. Caso os dois sinais apresentem contato, o mesmo tende a permanecer em apenas um dos sinais. Exemplo:

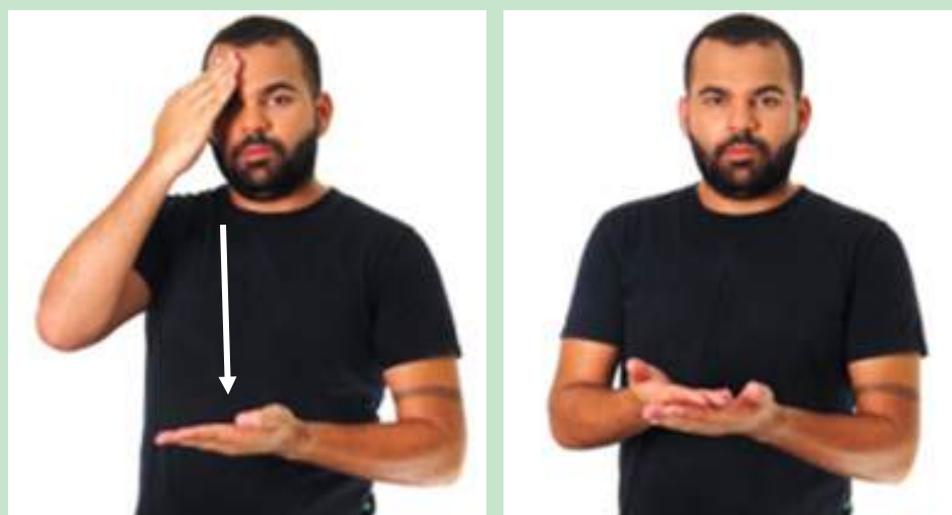
Figura 14: Imagem dos sinais de FARMÁCIA e ACREDITAR.

CASA + REMÉDIO = FARMÁCIA



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

SABER + ESTUDAR = ACREDITAR



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

• **Regra da sequência única:** ocorre quando os sinais que formam o composto, têm o movimento eliminado. Um exemplo disso é o sinal de PAI e MÃE que se unem para formar o sinal de PAIS.

Figura 15: Imagem do sinal de PAIS.

PAIS

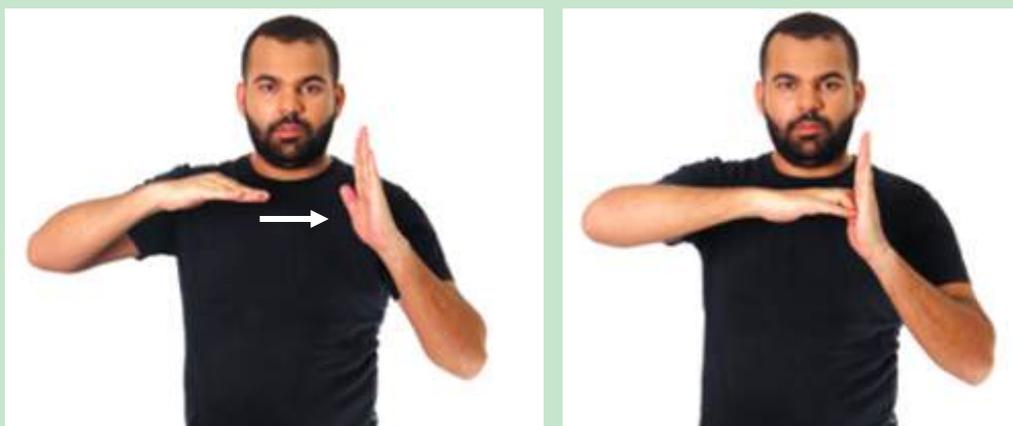


Fonte: Arquivo pessoal (2017)

• **Regra da antecipação da mão:** acontece quando há a antecipação da mão passiva para a realização do segundo sinal. Por exemplo:

Figura 16: Imagem do sinal de ACIDENTE.

ACIDENTE.



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

morfemas derivacionais

Quanto aos morfemas derivacionais em LIBRAS, são concebidos como o processo de formação de um novo sinal a partir de um sinal já existente. Eles podem ser dos seguintes tipos:

a) **Número e quantidade:** diferentemente da Língua Portuguesa que é preciso primeiramente numerar e após o que será quantificado, em LIBRAS esse processo acontece de maneira simultânea através da alteração da CM em uma base lexical para incorporar números de 1 a 4. Por exemplo

Figura 17: Imagem dos sinais de UMA HORA, DUAS HORAS, TRÊS HORAS e QUATRO HORAS.



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

b) **Empréstimo linguístico:** a LIBRAS pode emprestar o léxico de outras línguas de sinais ou orais através das seguintes formas:

- Empréstimo lexical de outras línguas de sinais: ocorre quando há a presença de sinais de outras línguas de sinais, como é o caso do sinal de FALAR (empréstimo da Língua Francesa de Sinais) e MAS (empréstimo da Língua Americana de Sinais – ASL).

Figura 18: Imagem do sinal MAS..

MAS

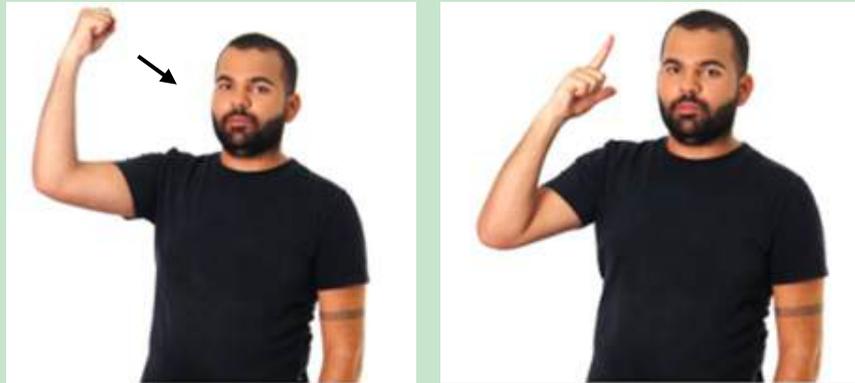


Fonte: Arquivo pessoal (2017)

- Empréstimo lexical das línguas orais: empresta itens lexicais das línguas oralizadas, através da datilologia. Porém, estes itens sofre uma alteração para se adaptar à LIBRAS, devido ao ritmo, localização e etc. Por exemplo:

Figura 19: Imagem do sinal de SOL.

SOL



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

- Empréstimo de inicialização: ocorre quando o sinal possui a CM correspondente à letra do nome em Língua Portuguesa. Por exemplo:

Figura 20: Imagem do sinal de BRASIL e PAÍS.

BRASIL

PAÍS



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

c) **Grau:** em LIBRAS, o grau dos substantivos pode ser indicado através do sinal de MUITO/POUCO e GRANDE/PEQUENO realizado após o sinal.

Em relação ao grau dos adjetivos, de acordo com Ferreira (2010, p. 47) “apresenta formas diversas. [...] o movimento torna-se mais rápido e curto e este aumento de velocidade tem a função de intensificador incorporado.” Essa alteração de movimento que indica intensidade pode ser exemplificada com o sinal de MUITO FELIZ e MUITO FRACO.

Figura 21: Imagem dos sinais de MUITO FELIZ e MUITO FRACO.

MUITO FELIZ



MUITO FRACO (Very Weak)



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Além do movimento, as expressões não manuais estão diretamente relacionadas à marcação de grau e intensidade em LIBRAS. Elas estão associadas ao adjetivo para indicar o grau aumentativo e diminutivo, como nos exemplos:

Figura 22: Imagem dos sinais de BONITINHO, BONITO e BONITÃO.

BONITINHO



BONITO



BONITÃO



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

As expressões faciais também podem ter função adjetiva, pois podem acrescentar um adjetivo ao substantivo sem a obrigatoriedade de sinalizá-lo. Por exemplo:

Figura 23: Imagem dos sinais de BEBÊ PEQUENO, BEBÊ e BEBÊ GRANDE.



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

d) Aspecto: O aspecto está relacionado à duração do processo verbal. Em LIBRAS, Ferreira (2010, p. 49) afirma que “em vez de adições sequenciais de afixo, o que encontramos são contrastes espaciais e temporais superpostos modificando o movimento dos sinais.” Ou seja, a indicação do aspecto verbal é demonstrada pela mudança de configuração de mão e de movimento para indicar os aspectos: pontual, durativo, continuativo e iterativo.

- Aspecto pontual: indica um processo verbal concluído. Por exemplo: Eu vi.

Figura 24: Imagem do sinal VI.

VI.

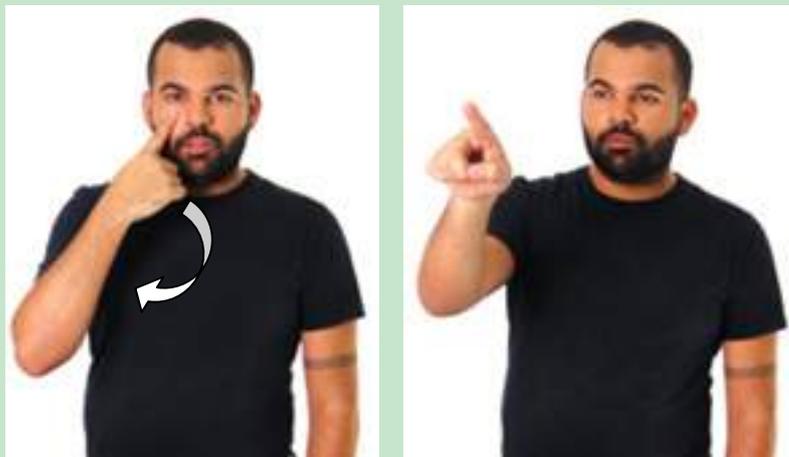


Fonte: Arquivo pessoal (2017)

- Aspecto durativo: processo repetido ou frequente que se prolonga até o presente. Pode ser acompanhado de um lance do olhar para o ponto de referência. Exemplo:

Figura 25: Imagem do sinal VENDO.

VENDO – DO VERBO VER



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

- Aspecto continuativo: indica processos frequentes e repetidos. Como por exemplo:

Figura 26: Imagem do sinal FALAR SEM PARAR.

FALAR SEM PARAR

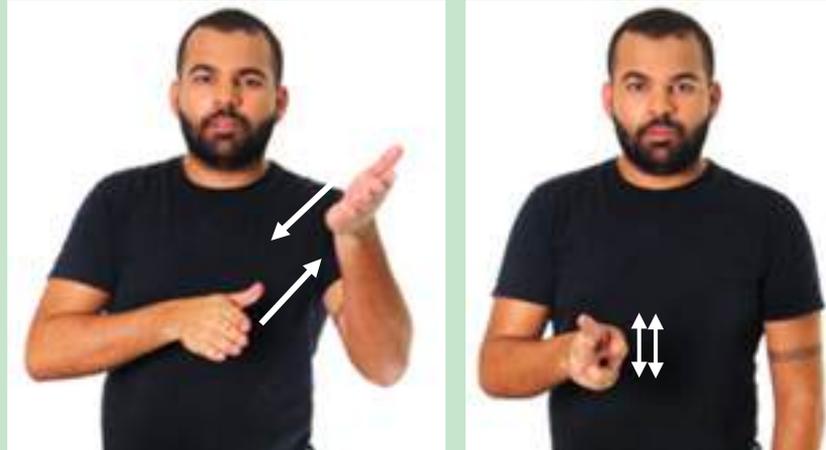


Fonte: Arquivo pessoal (2017)

- Aspecto iterativo: não impõe precisão de tempo ao processo verbal. Pode ser acompanhado do sinal de SEMPRE.

Figura 27: Imagem do sinal SAIR SEMPRE.

SAIR SEMPRE



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

e) **Derivação imprópria:** ocorre quando um determinado sinal muda a classe gramatical de substantivo para verbo. Para que isso ocorra há uma variação do movimento que é curto e repetido para indicar o substantivo e longo e duradouro para indicar a ação verbal. Veja os exemplos abaixo:

Figura 28: Imagem do sinal CADEIRA e SENTAR.

CADEIRA

SENTAR



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

f) **Negação:** em alguns casos na LIBRAS, a negação pode ser obtida sem a necessidade de sinalizar a partícula NÃO. Isso ocorre através do morfema que indica um movimento contrário. Veja nos exemplos abaixo:

Figura 29: Imagem do sinal NÃO QUERER.
NÃO QUERER

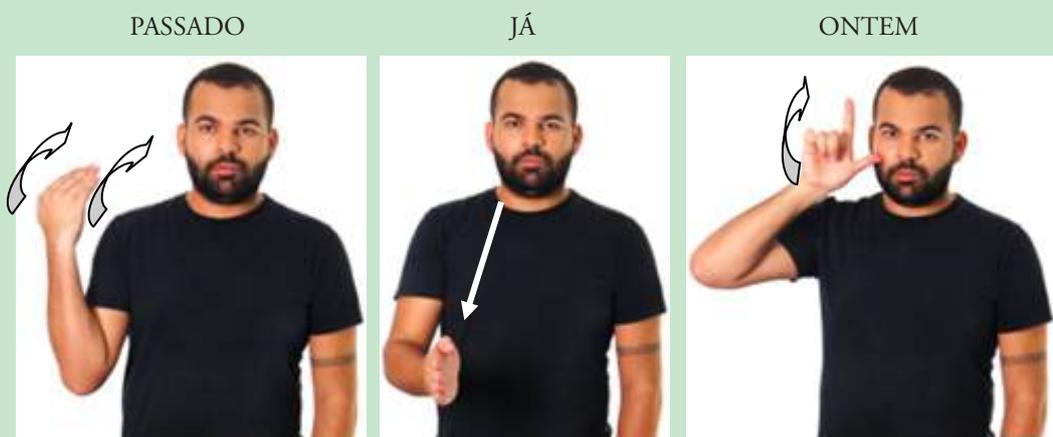


Fonte: Arquivo pessoal (2017)

g) Tempo: diferentemente da Língua Portuguesa, a LIBRAS não possui terminações que apresentam a flexão de tempo. Assim, todas as vezes que for necessário indicar tempo basta iniciar com a sinalização do advérbio de tempo, assim, todos os verbos realizados após essa marcação estarão flexionados neste tempo até que haja a inserção de outro advérbio de tempo.

Alguns sinais possuem a marca temporal em sua própria realização, é o caso de ONTEM e ANTEONTEM cujo movimento é sinalizado para trás indicando o passado. Também pode ser exemplificado com o sinal de ANO, o qual para indicar passado as mãos são posicionadas próximas ao ombro com movimento da mão ativa para trás; para indicar presente as mãos se posicionam próximo ao corpo, à frente do tórax com movimento da mão ativa para frente e; para indicar futuro as mãos se posicionam mais à frente do tórax com movimento para frente.

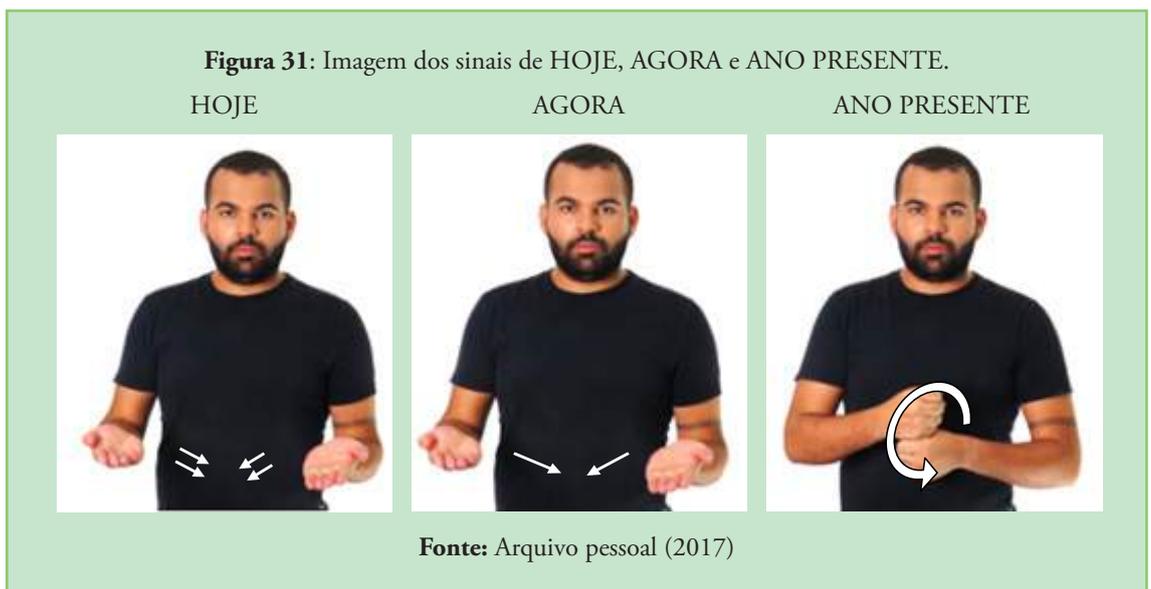
Figura 30: Imagem dos sinais de PASSADO, JÁ, ONTEM, ANTEONTEM e ANO PASSADO.



Fonte: Arquivo pessoal (2017)



São exemplos de advérbios de tempo que indicam passado:



Advérbios de tempo que indicam presente:

É importante ressaltar que todas as vezes que o enunciado não apresentar nenhum advérbio de tempo significa que está no presente.





morfemas flexionais

Os advérbios que indicam futuro são:

Os morfemas flexionais são aqueles que têm relação com a forma. Na Língua Portuguesa estes morfemas apresentam as desinências nominais que apresentam a flexão de gênero e as desinências verbais que se flexionam em número, pessoa, modo e tempo.

Na LIBRAS o gênero é marcado através do sinal de HOMEM e MULHER antes do substantivo sexuado tanto para pessoas como para animais, como por exemplo:

Figura 33: Imagens dos sinais NAMORADO, NAMORADA, MACACO e MACACA



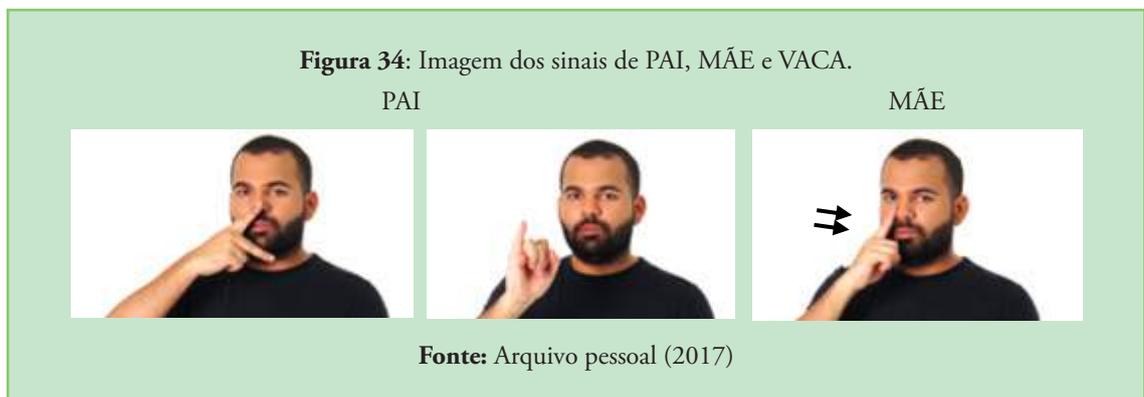
Fonte: Arquivo pessoal (2017)



Fonte: Arquivo pessoal (2017)



Embora o gênero seja marcado pelo sinal de **HOMEM** e **MULHER**, há casos que sinal já indica o gênero, como é o caso do sinal de **PAI** e **MÃE** feito em alguns Estados ou com a realização de um sinal icônico, por exemplo, o sinal de **VACA**.





incorporação argumentativa

A incorporação argumentativa ocorre em LIBRAS com muita frequência devido à espacialidade e iconicidade dessa língua. Um exemplo disso está no sinal de laranja que pode ter o verbo CHUPAR incorporado ao sinal da fruta. O mesmo ocorre com o sinal de COMER MAÇÃ ou de BATER O CARRO.



verbos em libras

Nesta disciplina estudaremos os quatro tipos de verbos mais básicos em LIBRAS, são eles: verbos com concordância, verbos sem concordância, verbos manuais e verbos espaciais. Veremos agora cada um deles.

- **Verbos com concordância:** também conhecidos como verbos direcionais, estes verbos são realizados no espaço neutro, incorporam os referentes introduzidos no espaço anteriormente e possuem flexão de número e pessoa. Neste caso, a direção do movimento do verbo direcional incorpora o sujeito e objeto da frase, evidenciando as pessoas do discurso e a flexão de singular e plural. Ferreira (2010, pág. 48) afirma que “a LIBRAS é uma língua “Pro-drop”, isto é, tem sujeito nulo. Além do mais, o objeto também pode ser nulo.” Isso significa que nestes casos de flexão, o sujeito e o objeto da frase podem desaparecer. O movimento

direcional deste tipo de verbo tem início no sujeito da frase e finaliza no objeto, sendo dispensável o sinal nominal explícito. São exemplos de verbos com concordância:

Figura 35: Imagem dos sinais de OLHAR e AJUDAR.

OLHAR

AJUDAR



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Observação: como exceção da direção do movimento dos verbos com concordância, temos os verbos conhecidos como backwards ou reversos, ou seja, ao invés do movimento iniciar no sujeito e finalizar no objeto, inicia no objeto e termina no sujeito. Por exemplo:

Figura 36: Imagem dos sinais de CHAMAR E BUSCAR.

CHAMAR



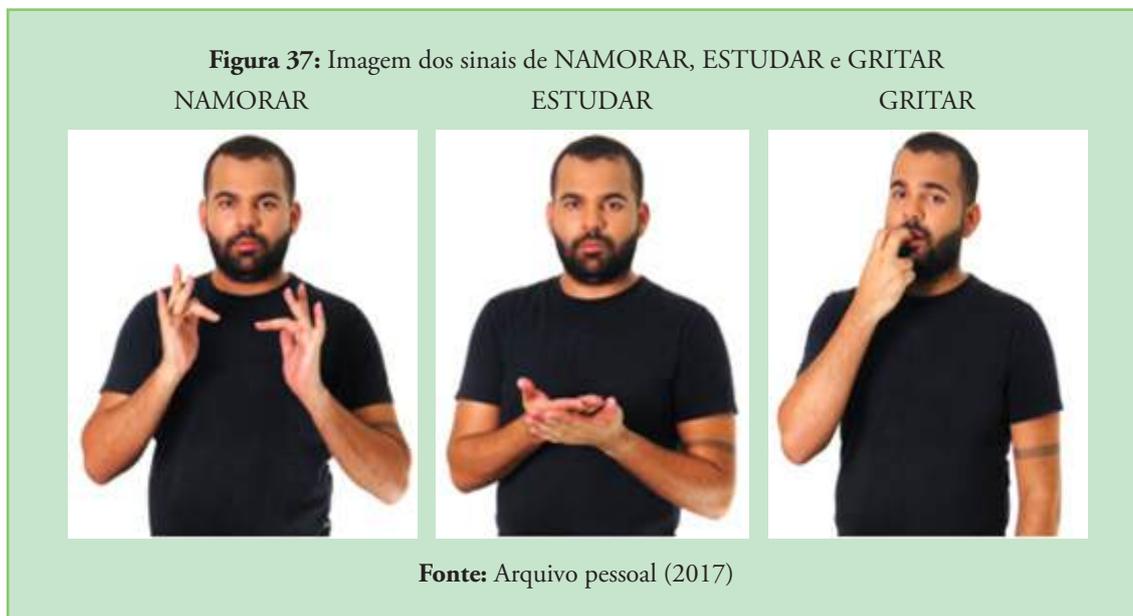
Fonte: Arquivo pessoal (2017)

BUSCAR

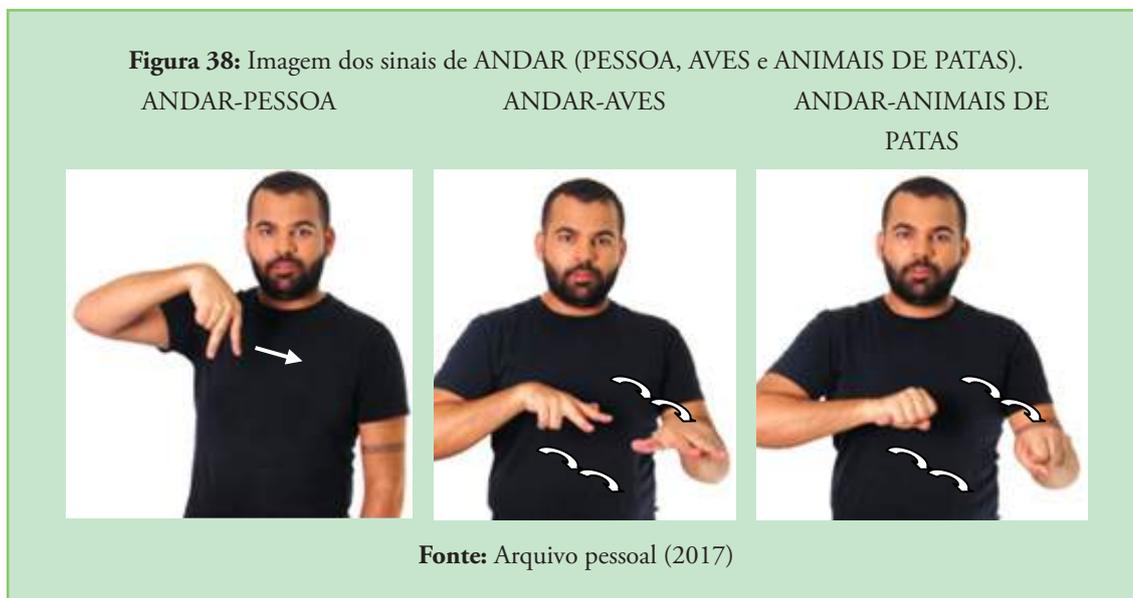


Fonte: Arquivo pessoal (2017)

• **Verbos sem concordância:** podem ser conhecidos também como verbos simples. São aqueles que não possuem flexão de número e pessoa e nem afixos locativos. Nestes casos, os sinais nominais são indispensáveis para indicar quem praticou e quem sofreu a ação verbal. São exemplos:



• **Verbos manuais:** São aqueles verbos que a configuração de mão assume uma característica icônica para demonstrar a ação verbal ou o objeto. Este tipo de verbo incorpora o formato argumentativo da ação, através de mudanças na configuração de mão para concordar com o contexto do enunciado. Por exemplo:



questões para reflexão

1. Assista ao vídeo da música Amazonas, meu amor, do compositor Chico da Silva. Após aprender os sinais, classifique todos os morfemas encontrados na música.
2. Observe as imagens abaixo, identifique o verbo, classifique-os em “com concordância”, “sem concordância” e “manuais”, e crie uma frase.

		
Verbo:	Verbo:	Verbo:
Tipo de verbo:	Tipo de verbo:	Tipo de verbo:
Frase:	Frase:	Frase:
		
Verbo:	Verbo:	Verbo:
Tipo de verbo:	Tipo de verbo:	Tipo de verbo:
Frase:	Frase:	Frase:

3. Assista ao vídeo e identifique o tipo de verbo.

1		
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		

[2.3] sintaxe

A sintaxe é o ramo da linguística que estuda a disposição das palavras nas frases, das frases nas orações e das orações no discurso. Em relação a LIBRAS, Quadros e Karnopp (2004, p. 127) afirmam que “analisar alguns aspectos da sintaxe de uma língua de sinais requer “enxergar” esse sistema que é viso espacial e não oral-auditivo.”

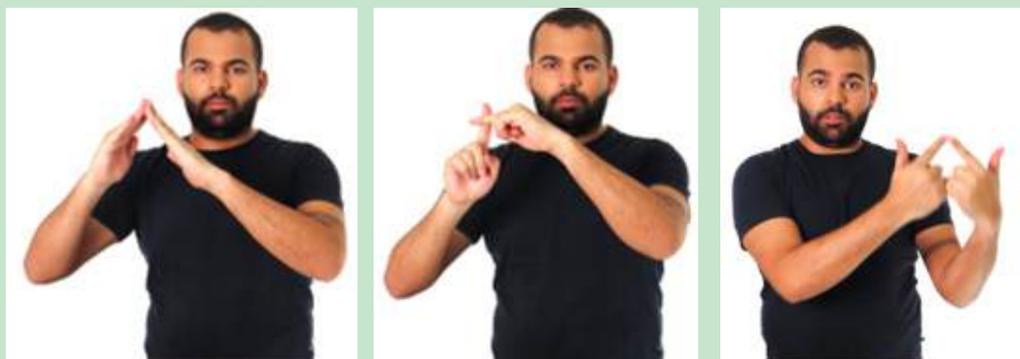
Já que se trata de uma sintaxe visual, o espaço à frente do corpo do sinalizador é denominado de campo sintático e, juntamente com a indexação nominal e o uso dos sinais pronominais são responsáveis por realizar as relações sintáticas. Ainda de acordo com Quadros e Karnopp (2004) essas relações podem acontecer das seguintes formas:

- a) Realizar o sinal em um local particular, quando há possibilidade.

Figura 39: Imagem dos sinais de IGREJA e TEATRO AMAZONAS

IGREJA

TEATRO AMAZONAS



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

- b) Direcionar a cabeça e os olhos em direção ao ponto da indexação simultaneamente com o sinal do substantivo ou realizar a apontação para o substantivo.

Figura 40: Imagem dos sinais de TEATRO AMAZONAS.

TEATRO AMAZONAS

INDEX (Teatro Amazonas)



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

c) Fazer a apontação antes do sinal que será indexado (se apontar para um determinado ponto no espaço relacionando com o sinal de TEATRO AMAZONAS, aquele ponto passa a fazer referência com TEATRO AMAZONAS).

Figura 40: Imagem dos sinais de TEATRO AMAZONAS.
INDEX (Teatro Amazonas) TEATRO AMAZONAS



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

d) Fazer apenas a apontação quando a referência for óbvia.

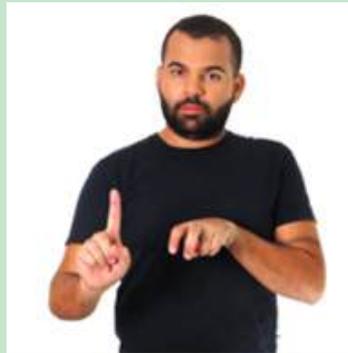
Figura 42: Imagem dos sinais de ELE e MUITO BONITO.
INDEX (ELE – Teatro Amazonas) MUITO BONITO



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

e) Usar o classificador em uma localização no campo sintático.

Figura 43: Imagem dos classificadores para PESSOA ANDANDO e PESSOA SENTADA.
Uma pessoa passou em frente de alguém que estava sentado



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

f) Fazer uso de um verbo direcional incorporando o referente já introduzido no espaço.

Figura 44: Imagem dos sinais de IR.
(Eu) IR (Teatro Amazonas)



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

tipos de frases

Em relação à sintaxe, as expressões não-manuais apresentam escopo sobre a tipologia frasal, ou seja, podem indicar sentenças afirmativas, afirmativas como foco, negativas, exclamativas, interrogativas e de tópico-comentário. Analisaremos cada uma delas:

a) **Sentenças afirmativas:** possui a expressão facial neutra. Exemplo: Eu conheço Manacapuru.

Figura 45: Imagem dos sinais de EU, CONHECER e MANACAPURU.

Fonte: Arquivo pessoal (2017)

b) Sentenças afirmativas com foco: a construção com foco ocorre quando há a intenção de dar uma ênfase a alguma informação. Em LIBRAS, há a duplicação do verbo, sendo que no último verbo são realizados movimentos da cabeça para cima e para baixo indicando afirmação. Exemplo: Eu conheço sim Manacapuru.

Figura 46: Imagem dos sinais de EU, CONHECER, MANACAPURU e CONHECER.

Fonte: Arquivo pessoal (2017)

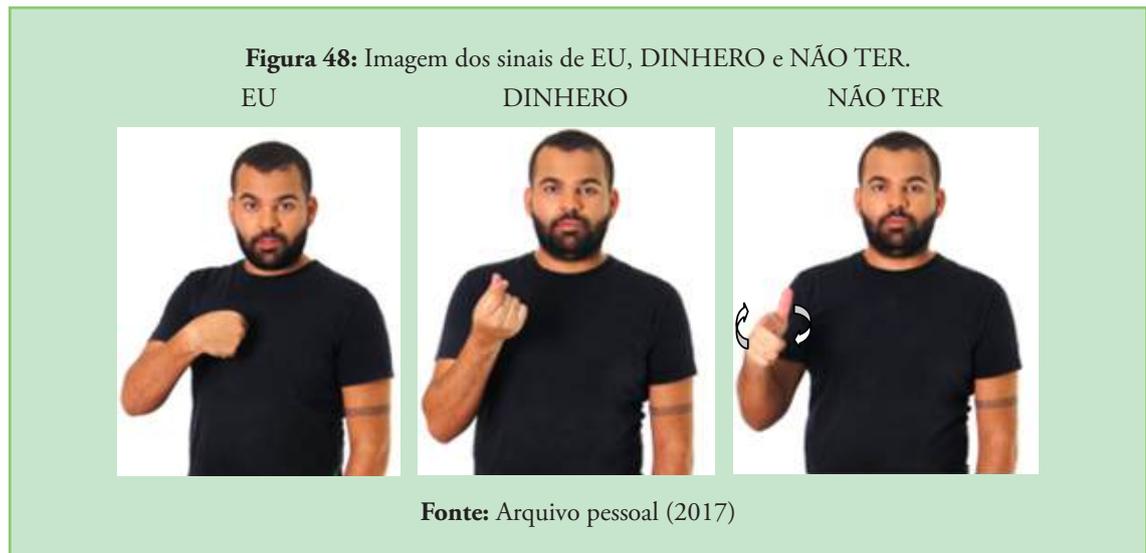
c) Sentenças negativas: a negação em LIBRAS pode acontecer de três (03) formas:

1) acréscimo do sinal NÃO à sentença afirmativa. Exemplo: Eu não conheço Manacapuru.

Figura 47: Imagem dos sinais de EU, CONHECER, MANACAPURU e NÃO.

Fonte: Arquivo pessoal (2017)

2) Incorporação do morfema de negação. Exemplo: Eu não tenho dinheiro.



3) movimento da cabeça para um lado e outro indicando a negação simultaneamente com a ação negada. Esse movimento também pode ser realizado com o processo 1 e 2. Exemplo: Eu não conheço Manacapuru.

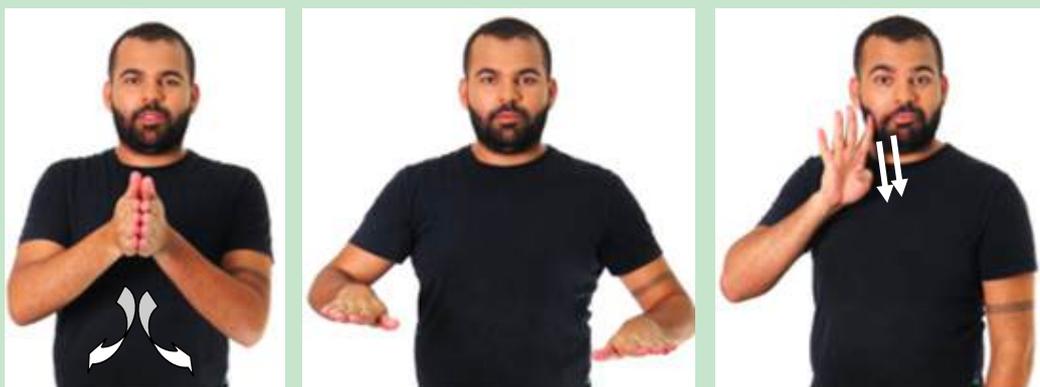


d) Sentenças exclamativas: a expressão facial possui a sobrancelha arqueada, com um movimento da cabeça para cima e para baixo. Pode ocorrer de a boca apresentar um intensificador, boca fechada com um movimento para baixo. Exemplo: Como São Gabriel da Cachoeira é legal!

Figura 50: Imagem dos sinais de SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA e LEGAL.

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA

LEGAL



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

e) **Sentenças interrogativas:** apresenta as sobrancelhas franzidas e um movimento da cabeça para cima. Exemplo: Qual é a sua idade?

Figura 51: Imagem dos sinais de IDADE.

QUAL A SUA IDADE?



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

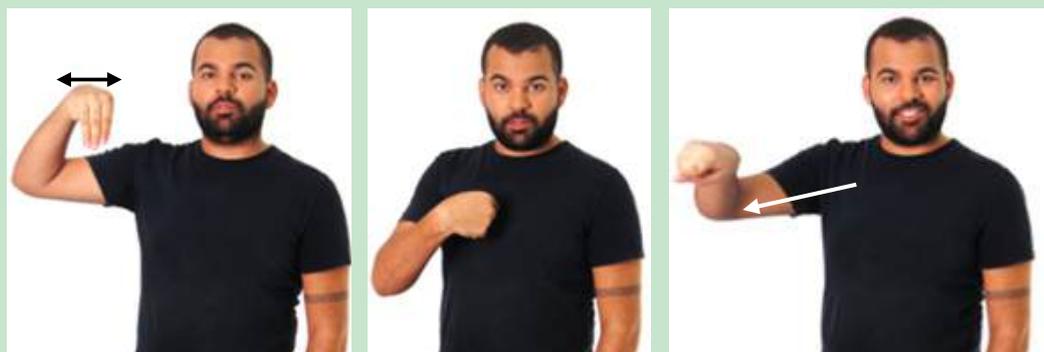
f) **Sentenças com tópico-comentário:** é uma das principais tipologias frasal utilizada na LIBRAS. O tópico é uma informação já conhecida que retomará o assunto do discurso, já o comentário é uma informação nova sobre o tópico. O tópico possui uma expressão facial semelhante a uma interrogação e essa expressão não pode se espalhar pelo comentário. Exemplo: À Manacapuru eu vou.

Figura 52: Imagem dos sinais de MANACAPURU, EU, IR.

MANACAPURU

EU

IR



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

ordem das frases

Assim como as línguas orais, a LIBRAS apresenta como principal ordem básica das frases da seguinte maneira: Sujeito (S) – Verbo (V) – Objeto (O). Porém, a LIBRAS também apresenta estruturas adjacentes, ou seja, estruturas que derivam da ordem SVO. De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 140):

[...] a concordância associada à marcação não-manual é importante para determinar mudanças na ordem básica das frases na língua de sinais brasileira. Parece que essa marca não-manual torna a frase mais carregada, forçando mudanças na ordem da frase e gerando, portanto, estruturas diferentes.

Nota-se que as expressões não-manuais têm uma imensa responsabilidade na derivação de ordens frasais, pois contribuem para a alteração do enunciado. Ainda de acordo com os estudos das autoras, essas ordens seguem as seguintes regras:

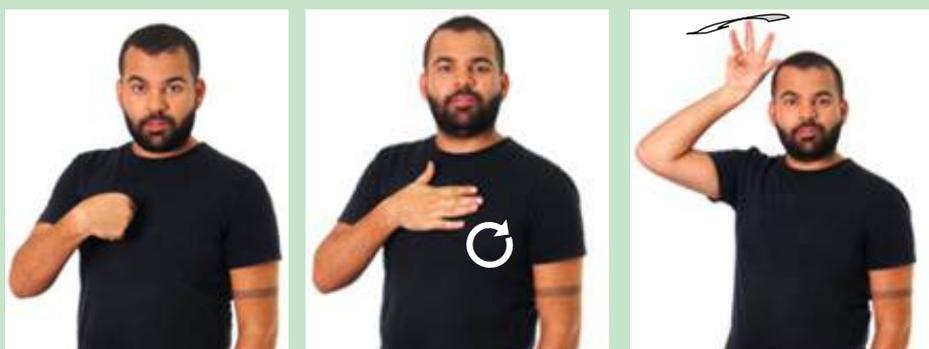
a) A ordem SVO ocorre quando as expressões faciais não têm muita importância na frase ou quando há a presença de estruturas mais complexas, como uma oração subordinada. Exemplo 1: Eu gosto do Amazonas.

Figura 53: Imagem dos sinais de EU, GOSTAR e AMAZONAS.

EU

GOSTAR

AMAZONAS



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Figura 54: Imagem dos sinais de EU, QUERER, VOCÊS, APRENDER e LIBRAS.

Fonte: Arquivo pessoal (2017)

b) A ordem OSV ocorre quando há a presença de topicalização na frase. Isso ocorre porque o tópico que é sinalizado primeiramente é constituído pelo objeto da frase, enquanto o comentário é constituído pelo sujeito e verbo. Veja o exemplo na frase: Eu gosto de Parintins.

Figura 55: Imagem dos sinais de PARINTINS, EU e GOSTAR.

Fonte: Arquivo pessoal (2017)

c) A ordem SOV ocorre quando há a utilização de verbo com concordância. Por exemplo: O homem avisa a mulher.

Figura 56: Imagem dos sinais de HOMEM, MULHER e AVISAR.

HOMEM

MULHER

AVISAR



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

d) A ordem SVOV ocorre quando há uma sentença afirmativa com foco, pois há uma duplicação do verbo. É importante lembrar que o último verbo deve estar acompanhado de uma expressão facial indicando afirmação. Exemplo: Eu gosto mesmo de boi-bumbá.

Figura 57: Imagem dos sinais de EU, GOSTAR, BOI-BUMBÁ e GOSTAR.

EU

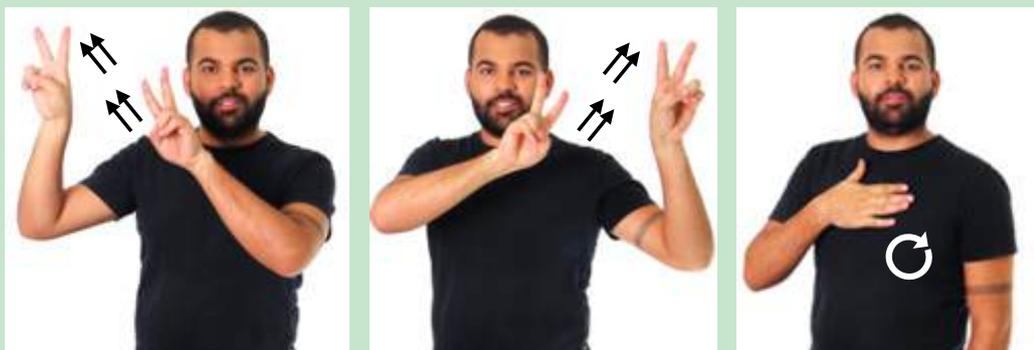
GOSTAR

BOI-BUMBÁ



BOI-BUMBÁ

GOSTAR



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

e) Nas frases afirmativas com foco pode ocorrer a supressão do primeiro verbo também, gerando a ordem SOV. A expressão facial de afirmação também acompanha o verbo. Exemplo: Eu gosto mesmo de boi-bumbá.

Figura 58: Imagem dos sinais de EU, BOI-BUMBÁ e GOSTAR.

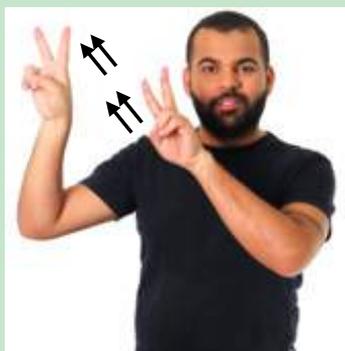
EU



BOI-BUMBÁ



BOI-BUMBÁ



GOSTAR



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

questões para reflexão

1. Construa uma frase para cada tipo:

Afirmativa	
Afirmativa com foco	
Negativa	
Exclamativa	
Interrogativa	
Tópico-comentário	

2. Relacione a coluna da direita com a da esquerda de acordo com as frases:

1		Tópico-comentário
2		Afirmativa
3		Exclamativa
4		Negativa
5		Afirmativa com foco
6		Interrogativa

Traduza a canção *Todos os verbos* da cantora Zélia Duncan.

Errar é útil	Todos os verbos do mundo
Sofrer é chato	E nele sempre cabem de vez
Chorar é triste	Abraçar é quente
Sorrir é rápido	Beijar é chama
Não ver é fácil	Pensar é ser humano
Trair é tátil	Fantasiar também
Olhar é móvel	Nascer é dar partida
Falar é mágico	Viver é ser alguém
Calar é tático	Saudade é despedida
Desfazer é árduo	Morrer um dia vem
Esperar é sábio	Mas amar é profundo
Refazer é ótimo	E nele sempre cabem de vez
Amar é profundo	Todos os verbos do mundo
E nele sempre cabem de vez	E nele sempre cabem de vez

Obs: Para a realização dessa atividade pode recorrer a auxílio dos seguintes dicionários online:

- http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/
- <http://www.dicionariolibras.com.br/website/index.asp?cod=124&idi=1&moe=6>
- <http://web.prodeaf.net/Dicionario>

Ou baixar os seguintes aplicativos em seu celular:

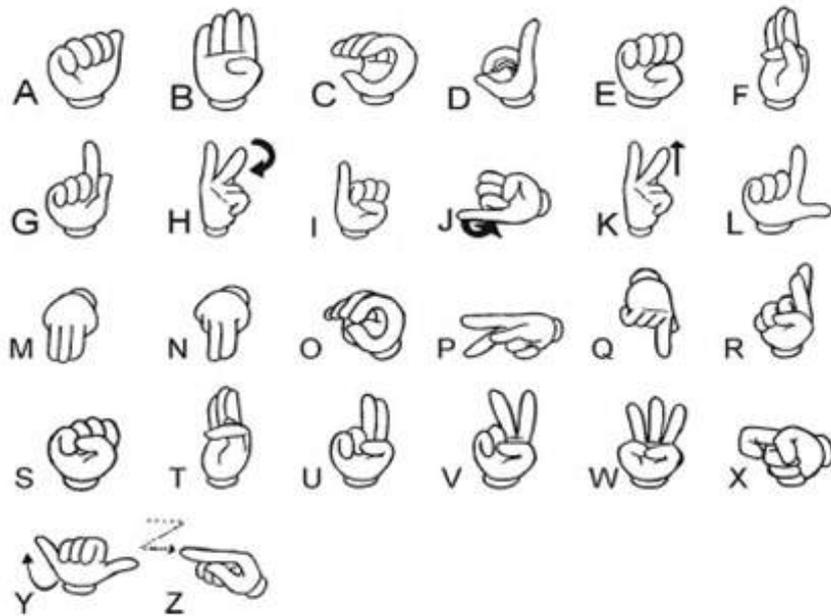
Handtalk	Prodeaf	Giulia
 <p>HAND TALK</p>	 <p>ProDeaf Móvel O ProDeaf já está disponível para celulares Android!</p>	 <p>Giulia Mãos que falam</p>

unidade 3

vocabulário

Este capítulo é destinado ao aprendizado do léxico da Língua Brasileira de Sinais. Nele você poderá aprender os sinais de diversas categorias e se comunicar com pessoas surdas e ouvintes usuários de LIBRAS, aliando ao conhecimento cultural e linguístico estudados nos capítulos anteriores. Bom estudo!

ALFABETO MANUAL



NÚMEROS CARDINAIS





QUANTIDADE



NÚMEROS ORDINAIS



CONFIGURAÇÃO DE MÃOS



CUMPRIMENTO, SAUDAÇÕES E APRESENTAÇÕES



BOA NOITE



BOA TARDE



COM LICENÇA



BOM DIA



CONVERSAR



DESCULPAR



OBRIGADO



DE NADA



OLÁ



PRAZER



TCHAU



TUDO BEM



ATÉ AMANHÃ



BEM-VINDO



BOA VIAGEM





DIAS DA SEMANA



MESES DO ANO





HORAS, MINUTOS E SEGUNDOS

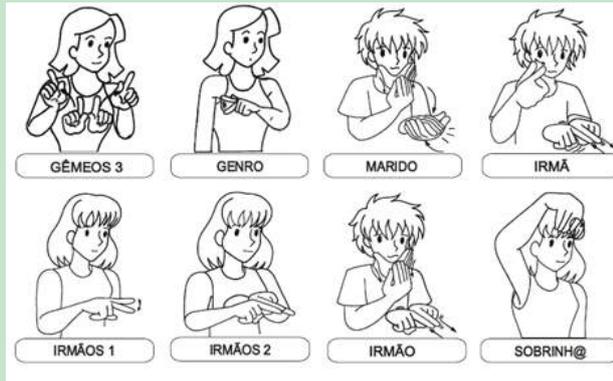


HORAS, MINUTOS E SEGUNDOS



FAMÍLIA





FRUTAS



FRUTAS



MEIOS DE TRANSPORTE



AMBULÂNCIA



BOMBEIRO



AVIÃO



HELICÓPTERO



LANCHA



METRÔ



CAMINHÃO 1



CANOA



CARRO



MOTO



MOTO TÁXI



NAVIO



TAXI



TREM



BICICLETA 1



SUBMARINO



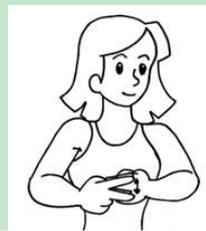
ÔNIBUS

MATERIAL ESCOLAR





VERBOS









ESTADOS BRASILEROS





ADJETIVOS





GRAMÁTICA

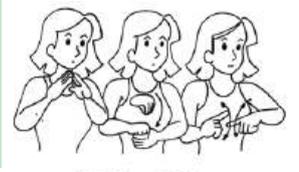
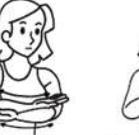




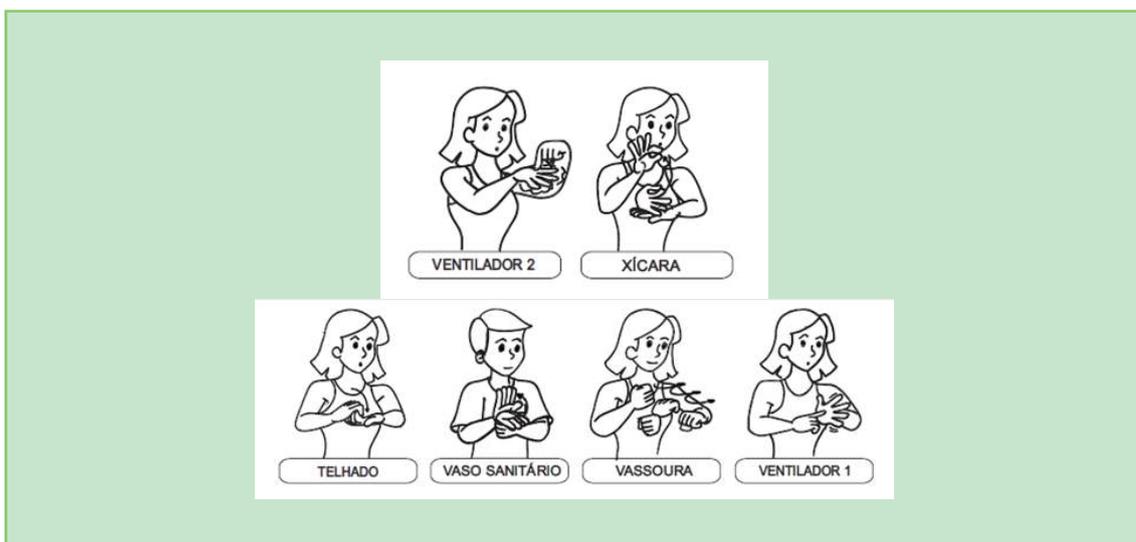


 SIGNO	 SINONIMIA	 SINTAXE	 SUBSTANTIVO
 SUBSTANTIVO COMPOSTO	 SUBSTANTIVO COMUM	 SUBSTANTIVO PRÓPRIO	 SUBSTANTIVO SIMPLES
 TEMPO	 VERBO		

LAR

			
 ANTENA	 AR CONDICIONADO 1	 AR CONDICIONADO 2	
 APARTAMENTO	 ARMÁRIO	 BANHEIRO	 BANHEIRA DE HIDROMASSAGEM
 BERÇO	 BIBLIOTECA	 CABIDE	
 CADEIRA	 CAMA	 CASA DE MADEIRA	 CASA
 CAMA CASAL	 CERCA	 CHAVE	





referências

ALBRES, N. de A. *A construção dos sinais e sua mobilidade específica*. In: LACERDA, C. B. F. de. SANTOS, L. F. dos. *Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução a LIBRAS e educação de surdos*. São Carlos – SP: EdUFSCar, 2013.

BALBONI, P. E. (Org.). *Nozionario di Glottodidattica*. Disponível in: www.unive.it/alias.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao_compilado.htm. Acesso em outubro de 2017.

_____. *Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial da União, Brasília/DF.

_____. *Lei 10.436, de 24 de Abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em setembro de 2017.

_____. *Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm Acesso em outubro de 2017.

CARVALHO, C. de. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. 20. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CORDEIRO, S. P. R. L. (2014). *Ensino-Aprendizagem do Sujeito Surdo: um estudo de caso*. Dissertação de mestrado em Estudos de Linguagem, Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá/MT, 2014.

CUNHA, A. F. da; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. *Linguística*. In: MARTELOTTA, M. E. *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FERREIRA, L. *Por uma gramática da língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GÓES, A. M.; CAMPOS, M. de L. I. L. *Aspectos da gramática da Libras*. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos. *Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à LIBRAS e educação de surdos*. São Carlos – SP: EdUFSCar, 2013.

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. São Paulo: Plexus Editora, 1997.

HALL, S. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HLIBOWICKA-WEGLARZ, B. *Pidgin, língua franca, sabir: um estudo terminológico*. Revista Romanica Olomucensia, Lublin – Polônia, 28/Jan, 2016. Disponível em: file:///C:/Users/MarcosPC/Downloads/Dialnet-PidginLinguaFrancaSabir-5396886.pdf. Acesso em: Setembro de 2017.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. II Título, São Paulo, Ciranda Cultural, 2009.

MARTELOTTA, M. E. *Dupla Articulação*. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). Manual de Linguística. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 37 – 41

_____. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2010. McNEILL, D. (1992). *Hand and mind*. Chicago: University of Chicago.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E. *Língua e gesto em línguas sinalizadas*. Veredas Online - Atemática, vol.1, 2011.

PEDROZA, C. R. *Vocabulário de Libras*. APM/CEADA. Campo Grande/MS, 2015.

PERLIN, G. *Identidades Surdas*. In: Skliar (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. *O lugar da cultura surda*. In: THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (Orgs.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Secretaria de Educação Especial, Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SÁ, N. R. L. *Educação de surdos: a caminho do bilinguismo*. Eduff, Niterói/RJ, 1999.

SANTOS, M. R.. *Educação de surdos: o discurso da inclusão educacional produzido por surdos e ouvintes*. 2017. 137 f. Dissertação de mestrado em Letras e Artes. Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus/AM, 2017.

SASSAKI, R.K. *Terminologia sobre deficiência na era da inclusão*. In: Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, ano V, n. 24, jan./fev. 2002, p. 6-9.

SILVA, K. V. *Dicionário de conceitos históricos*. 2.ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

SKLIAR, C. *Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças*. In: _____. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998. p. 7-32.

SPINASSÉ, K. P. *Os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil*. In: Revista contingência, V. 1, N. 1, Nov. 2006, p.01-10.

STOKOE, W. C. *Sign language structure. An outline of the visual communication systems of the American deaf*. Silver Spring: Linstok Press, (1996) [1960].

STRNADOVÁ, V. *Como é ser surdo*. Petrópolis: Babel Editora, 2000.

STROBEL, K. L. *As Imagens do outro sobre a Cultura Surda*. Florianópolis, Ed. Da UFSC, 2008.

TAVARES, R. R. (Org.). *Língua, cultura e ensino*. Maceió: EDUFAL, 2006.

VELOSO, E.; MAIA FILHO, V. *Aprenda Libras com eficiência e rapidez*. Vol1. Curitiba/PR, Mãos Sinais, 2009.

expediente

Governo do Estado do Amazonas
Wilson Miranda Lima
Governador

Universidade do Estado do Amazonas
Cleinaldo Costa
Reitor

Cleto Leal
Vice-Reitor

*editora*UEA
Maristela Silva
Diretora

Socorro Freitas
Secretária Executiva

Jamerson Eduardo Reis
Editor Executivo

Samara Nina
Produção Editorial

André Yukio Tanaka
Erick Cundiff
Samara Nina
Silas Menezes
Projeto Gráfico

Silas Menezes
Diagramação

Samara Nina
Finalização

Kelly Christiane Silva de Souza
Pró-Reitora de Ensino de Graduação

Samara Barbosa de Menezes
Pró-Reitora de Interiorização

Luiz Antônio de Verçosa
Coordenador dos Cursos Especiais

Silvana Andrade Martins
Coordenadora Geral do Curso de Licenciatura em Letras

Socorro Viana de Almeida
Neiva Maria Machado Soares
Supervisora de Produção e Análise de Materiais Didáticos

F981f

Santos, Marcos Roberto dos; Cordeiro, Suammy Priscila; Vale, Jackson da Silva

Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS / Marcos Roberto dos Santos. Manaus : [s.n], 2018.
97 f.: color.; 29 cm.

Curso de Letras Mediado por Tecnologia - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018.

ISBN: 978-65-80033-15-7

Inclui bibliografia

1. LIBRAS. 2. Língua Brasileira de Sinais. 3. Universidade do Estado do Amazonas. 4. Purandu. I. Santos, Marcos Roberto dos (Orient.). II. Cordeiro, Suammy Priscila (Coorient.). III. Vale, Jackson da Silva (Coorient.). IV. Universidade do Estado do Amazonas. V. Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS

*editora*UEA
editora.uea.edu.br

Av. Djalma Batista, 3578 - Flores | Manaus - AM - Brasil
Cep 69050-010 | (92) 3878.4463
editora@uea.edu.br

ueaeditora



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.